

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Saúde de Viseu

Ana Maria da Silva Amorim

A IMPORTANCIA DA METODOLOGIA DAS OFICINAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA



Setembro de 2015

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Saúde de Viseu

Ana Maria da Silva Amorim

**A IMPORTANCIA DA METODOLOGIA DAS OFICINAS
FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA**

Dissertação

Mestrado em Educação para a Saúde

Orientação: Professora Doutora Manuela Ferreira e

Professor Doutor João Duarte

setembro de 2015



Agradecimentos

“Sonho parece verdade quando a gente esquece-se de acordar” (Anitelli)

Hoje vivo uma realidade que um dia foi um sonho distante, mas foi preciso muito diligência, determinação, paciência e perseverança, ousadia e maleabilidade para ir até o fim e nada disso eu conseguiria sozinha.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter garantido as condições necessárias para a elaboração desta dissertação (mestrado), com Ele sinto que tudo é possível.

A minha mãe, Nair Mariano, por seu apoio e dedicação, mesmo com seus quase 80 anos está sempre me incentivando com palavras e ainda com ajuda financeira, para que continue sempre me qualificando, como ela valoriza os estudos, desde que era muito pequena, um amor incondicional.

Ao meu digníssimo esposo, Antonio Emidio, que me ajudou insistentemente e que com paciência suportou a minha ausência enquanto esposa e enquanto mãe, mesmo estando em casa. Cuidando sempre dos nossos filhos.

Aos meus filhos Gabriel (8 anos) e Sara (7 anos), que diante de tantas leituras e várias madrugadas frente do computador, faltou-me a paciência com eles em vários momentos, mesmo assim, todos os dias, com palavras, olhares, gestos e sorriso me diziam que era preciso ir até o fim. Por terem me acalmado em momentos de aflição.

A todos os meus Ilms.^o Senhores Professores Doutores: Lídia Cabral, Suzana André, Carlos Pereira, Madalena Cunha, Daniel Silva, João Duarte, Carlos Albuquerque, Manuela Ferreira, que me conduziu ao aprendizado durante o curso, com seus auxílios pessoais e intelectuais.

Aos Ilm.^{os} Professor Doutor Amauri Silva e sua esposa Veronica Espindola, que por estarem no Brasil, mais próximo de nós, contribuíram, trabalhando junto conosco, com atitudes sinceras abertas e questionadoras, abrindo sua casa nos recebendo várias vezes com muito coragem e presteza.

Aos Pais, Alunos, Diretora, Professores, Mestres e Doutores, da Escola Estadual de Educação Básica Costa Rêgo, onde trabalho, que ajudaram na pesquisa de campo, respondendo com a máxima sinceridade e enriquecendo este trabalho de dissertação para mestrado em Educação para Saúde. Agradeço aos amigos de trabalho, por entenderem as minhas ausências em vários momentos, no como me ajudaram em mais essa etapa.

Ao Projeto VALE SONHAR - do Instituto Kaplan, tendo a frente aqui em Alagoas, a Ilm^a Professora e Sexóloga Helena Vilela, por instigar a minha reflexão e por levar ao encontro do sujeito;

Não poderia esquecer os meus amigos e colegas de trabalho, Ilm.^a Professora Mestre em Língua Portuguesa, Jane Cleide, Atalvanio Silva e Wize Alves, exemplos de educadores, que na reta final, contribuíram com muito carinho com suas ajudas intelectuais na correção deste trabalho, meu profundo agradecimento.

A todos os jovens (principalmente aos adolescentes) que, direta ou indiretamente, foram à razão principal para a escolha deste tema, e para defender a Educação Sexual na escola; por serem eles, os mais leigos dessas informações;

Minha eterna gratidão a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste sonho: o meu muito obrigado!

Resumo

Enquadramento: O interesse pelo tema Educação Sexual germinou da conscientização de que a sexualidade está na essência do homem, com o ideal de ser experimentada e vivida; procura-se cada vez mais expandir esses conhecimentos com responsabilidade e naturalidade, principalmente frente à responsabilidade de educadores por participar de uma capacitação oferecida pelo grupo do Instituto Kaplan Programa / PROJETO VALE SONHAR.

Objetivo: Proposemo-nos analisar a importância da metodologia das oficinas formativas na Educação Sexual na Escola; Determinar a eficácia das oficinas nos conhecimentos sobre sexualidade nos adolescentes; Construir conhecimento sobre sexualidade, desmitificando conceitos.

Método: Foi desenvolvida uma intervenção formativa com aplicação de 03 (três) oficinas, em que foram avaliados os conhecimentos antes e após a intervenção formativa. Durante estas oficinas foram aplicados questionários e coleta de depoimentos dos participantes. A amostra foi constituída por adolescentes de ambos os sexos, que frequentavam o 1º ano do ensino médio na Escola Estadual de Educação Básica Costa Rêgo, no ano letivo de 2013 e 2014.

Resultados: Os conhecimentos sobre planejamento familiar, infecções sexualmente transmissíveis e reprodução dos adolescentes na maioria aumentaram após a intervenção formativa no âmbito da afetividade/sexualidade na adolescência. Os conhecimentos estão relacionados com a idade no sentido em que são os mais novos que demonstram mais conhecimentos. Na separação dos conhecimentos por sexo são as meninas que manifestam mais conhecimentos, assim como os residentes em meio urbano. A existência de irmãos, a idade e escolaridade dos pais não influenciam os conhecimentos dos adolescentes. Observou-se também que os adolescentes que já tinham iniciado relações sexuais são aqueles que detêm menos conhecimentos.

Conclusão: Os dados mostram que as oficinas realizadas e os questionários serviram para conscientização dos alunos e contribuiu para a redução dos índices de evasão escolar por motivos de gravidez, mostrando assim a importância de se tratar de educação sexual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Adolescência, Sexualidade, Educação Sexual, Planejamento Familiar, Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Abstract

Background: Interest in Sex Education theme germinated Awareness-entização that sexuality is at the core of man, with the ideal being experimentada and lived; seeks to increasingly expand this knowledge with responsibility and naturalness, especially opposite the responsibility of educators to participate in a training course offered by the group Kaplan Institute Program / DREAM VALLEY PROJECT.

Objective: Proposemo us to analyze the importance of the methodology of training workshops on sexual education at school; Determine the effectiveness of workshops in conhecimentos about sexuality in adolescents; Build knowledge about it is xualidade, demystifying concepts.

Method: an educational intervention was developed with the application of three (03) workshops, which evaluated the knowledge before and after the shape-tive intervention. During these workshops questionnaires were administered and collecting testimonies of the participants. The sample consisted of adolescents of both sexes, who frequentavam the 1st year of high school at the State School of Basic Education Costa Rego, in the academic year 2013 and 2014.

Results: The knowledge of family planning, sexual transmitted infections and reproductive mind-teens in most increased after the training intervention under the affectivity / sexuality in adolescence. The conhecimentos are age-related in that they are those which show more young knowledge. The separation of sex knowledge are the girls who express more knowledge as well as those living in urban areas. The existence of siblings, age and educational level of parents do not influence the knowledge of adolescents. It was also observed that adolescents who had initiated sex are those who have less knowledge.

Conclusion: The data show that the workshops and questionnaires served to raise awareness of the students and contributed to the reduction of school dropout rates owing to pregnancy, showing the importance of dealing with sex education at school.

Keywords: Adolescence, Sexuality, Sexual Education, Family Planning, Sexually Transmitted Infections.

No trabalho com sexualidade na escola, o que está em questão é a vida em uma de suas formas mais plenas.

Yara Sayão

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	V
Abstract.....	VII
Pensamento.....	IX
Índice de tabelas.....	XI
Introdução.....	15
1.ª PARTE -Enquadramento Teórico.....	17
Capítulo 1: Sexualidade humana.....	19
1.1 Conceito de Sexualidade.....	22
Capítulo 2: Educação Sexual.....	25
2.1 Educação sexual na Escola.....	31
2.2 Concepção de sexualidade nos PCNs.....	37
2.3 Explosão discursiva sobre sexualidade.....	39
2.4 Perfil do educador.....	40
2.5 Pais como Educadores Sexuais.....	42
2.ª PARTE -Contribuição Empírica.....	47
Capítulo 3: Metodologia.....	49
3.1 – Proposta de ensino aprendizagem.....	50
3.2 - Caracterização sociodemográfica da amostra.....	52
3.3 –Instrumentos.....	52
3.3.1 - Questionário.....	53
3.4 – Procedimentos.....	53
3.5 - Análise de dados.....	54
Capítulo 4: Resultados e Discussões.....	55
Resultados da Primeira Oficina.....	58
Resultados da Segunda Oficina.....	60
Resultados da Terceira Oficina.....	62
Capítulo 5: Discussão.....	65
Conclusões.....	67
Referências Bibliográficas.....	71
Anexos.....	75

ÍNDICES DE TABELAS:

	Pág.
Tabela 1 - Distribuição dos inquerinos por sexo.....	52
Tabela 2 - Dados referentes ao ensino médio de alunos matriculados no primeiro ano em 2014 e número de evasão em 2013.....	56
Tabela 3 - Alunos que participaram da aplicação do questionário.....	56
Tabela 4 - Sonho de vida profissional.....	57
Tabela 5 - Realizando o sonho.....	58
Tabela 6 - Facilidades/dificuldades encontradas.....	58
Tabela 7- Viagem para o futuro.....	59
Tabela 8 - Realização do sonho.....	60

Introdução

Deparamo-nos com jovens adolescentes descobrindo sua sexualidade de forma equivocada, com a impulsividade tão comum da idade, mas com pouca orientação, fazendo com que algo que deveria ser descoberto de forma simples passe a se tornar um grande mistério, levando em alguns casos a se cometer enganos que resultam em gravidez indesejada, aborto, DSTs/AIDS e outras consequências que só lhe trarão traumas e frustrações.

Partindo dessa convicção, pergunta-se: Como é possível que um assunto tão importante e tão vivenciado pela espécie humana, possa ser ignorado pelas entidades educacionais? O que explica a escola, como principal entidade responsável pela educação e formação de pessoas, recusar-se a dar orientação sexual aos seus alunos, principalmente nas escolas públicas do interior?

É bem verdade que se tem consciência das deficiências que a educação do país possui. Sabe-se também que são inúmeras as dificuldades e as carências que o sistema de ensino está passando. Dificuldades diversas que como resultado que se traz, visivelmente, o empobrecimento de a cultura e, com isso, mesmo na virada do milênio, onde o último século é marcado pelo avanço das ciências e da tecnologia, o povo brasileiro permanece subdesenvolvido, principalmente, no tocante à sexualidade, mostrando que a maioria é leiga, mergulhada em preconceitos e tabus existentes em torno do assunto em questão. Lamentável é saber que os jovens são resultados dessa cultura e/ou geração ainda ignorante, que também não possuem conhecimento suficiente para um crescimento sexual saudável.

Mesmo sabendo que a escola não substitui nem concorre com a família, acredita-se que ela possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem oposição de valores. Em nenhuma situação cabe a escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos, mas, em parceria com a própria família, procurar levar para a sociedade de um modo geral, sempre em forma de educação e análise todos os sentidos da sexualidade, quais sejam: a natureza, a cultura e a educação.

Através da educação sexual fica mais fácil entender esse assunto tão complexo e polêmico, embora esteja na própria essência do homem. Também é preciso considerar as variadas visões sociais, como tempo, gerações, lugares, além de muitos outros valores e fatores que intervêm nessa composição misteriosa do homem-reprodução-desejo-prazer-orgasmo. Homem, que quando realizado, nada mais é, que um "Ser Sexual", que, se biologicamente é sexo e reproduz; emocionalmente ele sente e faz sentir, e por fim, vive e deixa fluir a vida.

Sendo a escola a instituição de maior privilégio junto à educação, o educador sente-se na obrigação de defender o tema "educação sexual na escola", visto a própria escola possuir recursos mais aproximados para iniciar tarefas com criatividade, verdade e de fácil aprendizado. Escolhemos, portanto, esta temática, certas da sua importância e também movidas pela curiosidade de avaliar como são vividas estas questões pelos alunos das escolas de interior, e a partir dessa avaliação, já agindo como educadoras, que de fato são, ter bases para desenvolver no cotidiano da escola um trabalho que permita mostrar a sexualidade humana de uma forma natural e ampla.

Nesta perspectiva foi desenvolvido trabalhos de pesquisa bibliográfica e de campo, com o objetivo de conhecer a realidade dos alunos sobre sexualidade, e desenvolver com eles conhecimentos sobre educação sexual. Para a primeira toma-se como referencial básico as contribuições de Freud sobre a sexualidade humana; e para a segunda escolheu-se a escola pública na qual o autor trabalha. É uma escola de ensino fundamental e ensino médio localizada na cidade de Arapiraca no interior do Estado de Alagoas, a qual comporta aproximadamente 1.200 (mil e duzentos) alunos em seus dois (02) turnos, matutino e vespertino. Foram sujeitos da pesquisa: o alunado situado faixa etária de 13 a 21 anos; os pais dos alunos e também professores da referida escola. Foram utilizados questionários, oficinas e entrevistas como instrumentos para coleta dos dados e todos puderam com os seus depoimentos passar sua compreensão e visão acerca da educação sexual em nossas escolas públicas, principalmente do interior. Eles refletem os muitos exemplos e experiências de vida, vividas no dia-a-dia dos pais, filhos e professores, que nos ajudaram a compreender e organizar uma visão da realidade da educação sexual ao mesmo tempo em que nos deram a certeza de que os jovens exigem de fato, por necessidade: Educação Sexual na Escola. Assim o presente estudo tem como objetivos: Analisar a importância da metodologia das oficinas formativas na Educação Sexual na Escola; Determinar a eficácia das oficinas nos conhecimentos sobre sexualidade nos adolescentes; Construir conhecimento sobre sexualidade, desmitificando conceitos.

O estudo está estruturado em três capítulos; no primeiro procurou-se desenvolver alguns aspectos que permitissem entender melhor a sexualidade humana. No segundo capítulo, teve-se a oportunidade de analisar como anda a educação no Brasil através de rápida discussão acerca da situação da escola no país e do seu papel enquanto formadora da cidadania, da cultura e do saber. No terceiro capítulo, procurou-se explicar o motivo da falta de educação sexual na escola, principalmente nas escolas públicas municipais e estaduais. Finalmente, nos capítulos 4 e 5 tem-se os resultados e discussões da pesquisa.

PARTE 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1: Sexualidade humana

“Conversar sobre sexualidade não é dar aula de anatomia ou uma lição de moral. É principalmente falar de emoções, de afeto...”
Lídia Rosenberg Aratangy / Psicoterapeuta

Foram desenvolvidos alguns aspectos que permitissem entender melhor a sexualidade humana de uma maneira simples, prática e com muita naturalidade. A adolescência delimita a transição da infância à idade adulta, cronologicamente abrangendo dos 10 aos 19 anos. Trata-se de um período de profundas modificações, marcado pela passagem entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento. Nessa fase, a perda do papel infantil gera inquietação, ansiedade e insegurança frente à descoberta de um novo mundo. Enquanto parte inerente do ciclo de vida humano, a adolescência constitui-se de características próprias, que a diferenciam das demais faixas etárias. Este é um período confuso, de contradições, de formação da identidade e da autoestima. É quando se deve deixar de ser criança para entrar no mundo adulto, repleto de responsabilidades e cobranças, mundo este tão desejado pela sensação da liberdade a ser adquirida, mas também tão temido.

Na adolescência, há a descoberta do corpo e dos órgãos sexuais. Nas meninas aumenta os seios, os quadris, a distribuição dos pêlos e ocorre a menarca. Esse amadurecimento físico se dá em decorrência dos hormônios sexuais e do crescimento. Na busca do prazer, do conhecimento de si e de autoafirmação, os jovens, não raro, tornam-se rebeldes e com acentuado comprometimento de humor, porquanto vivem em constantes conflitos. Na realidade brasileira, muitas vezes a adolescente, além dos conflitos próprios da faixa etária, vê-se com outras questões conflituosas, como a ocorrência de uma gravidez (Moreira, Viana, Queiroz, & Jorge, 2008).

Por mais que se tente é muito difícil conceituar sexualidade com exatidão, pois as riquezas e as dimensões humanas são de variadas naturezas. Falar da sexualidade humana é tratar de um assunto complexo e delicado, cuja tarefa não é fácil, principalmente quando se tem consciência da profundidade e responsabilidade que o tema aborda e, cuja abordagem, envolve o homem no seu todo. Para Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade é definida da seguinte forma:

A sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. (OMS, 2011)

Examinado os sentidos da “sexualidade humana”, percebe-se o quanto eles envolvem a natureza, a educação e a cultura de um povo. Decompondo essa amplitude, fica bem mais fácil entendermos por que esse assunto é tão complexo e tão polêmico. O que defendemos é a compreensão do homem como “Ser total” e, a sua sexualidade envolve valores e fatores que contribuem na misteriosa organização de sentimentos, objetivos e variadas existências. Esta visão de totalidade quando, realmente vivida, faz com que ela ultrapasse a visão meramente fisiológica de um “ser” sexual reprodutor.

Uma das principais dificuldades para fazer uma distinção, decorre do fato de não se pode admitir, que o sexual, seja pura e simplesmente genital, uma vez que a sexualidade, tem um sentido que transcende a simples reprodução e deve ser compreendida em função de todas as suas dimensões e em funções de abordagem diversas. Podemos ver estas afirmações presentes nas ideias de uma jovem:

“Fala-se pouco de “sexualidade”, que é algo intimista e muito do “sexo” que é diferente da sexualidade, é algo generalizado, podendo ocorrer nesse ponto de vista, opiniões erradas sobre o que é sexo.” (Menezes, 2007)

Já Foucault propõe uma leitura mais rica da relação poder/sexualidade:

sexo é uma palavra que serve para identificar se a pessoa é um homem ou uma mulher fisiologicamente. Já a sexualidade – é a forma que a pessoa melhor se realiza no ato sexual, podendo ser momentânea, dependendo do meio em que ele viva e pode ser algo constante durante toda a vida.(Foucault,1988)

A intimidade das relações, não constitui um critério aceitável para definir o que é sexual. Muitos aspectos da intimidade são sexuais e existem outros, onde há o sexual, mas não há intimidade.

A análise, da presente história, da investigação científica, sobre a vida sexual humana, põe em evidência os obstáculos que os pesquisadores enfrentam em todos os tempos e por toda a parte, decorrentes dos interesses políticos e sociais em jogo, bem como, as barreiras culturais que existiram e, até certo ponto ainda existem neste domínio.

Como elementos constituintes da sexualidade, devem ser estudadas em todos os aspectos científicos, emocionais e socioculturais.

Por mais que tentemos, é muito difícil dizer, com certeza, se de fato, é a sexualidade que está no homem ou o homem que está na sexualidade, tão profunda é a cumplicidade que existe entre os dois.

Foi por demais relevante, essa preocupação que os estudiosos tiveram a respeito da sexualidade humana, onde tudo é visto de uma forma natural e ampla; é de suma importância essa reavaliação que se está fazendo em torno desse assunto, onde se tem uma visão intensa e envolvente dessa abordagem, e o estudo que se faz em torno do homem é profundo, e ele é visto como um ser completo que jamais deverá ser apartado de sua sexualidade.

Como ser biológico, a princípio, o homem nasce com seu “sexo” pronto, mas como ser social, ele é paulatinamente constituído a essa constituição, é determinante por valores e fatores que direta ou indiretamente estão ligados a formação da sexualidade humana.

A sexualidade é potencial dos impulsos sexuais do indivíduo e também pode significar “Padrão de Comportamento Sexual.

(Chauí, 1984) argumenta que a repressão sexual pode ser admirada um conjunto de interdições, permissões, regulamentos, valores e regras estabelecidos para controlar o exercício da sexualidade. Para (Maia, 2006), há uma vulgarização da sexualidade, o que dá a ideia de uma aparente liberdade sexual, a qual não se atinge, uma vez que a sociedade mantém a coação quando reproduz valores e explicita normas e regras sobre o que não fazer e o que fazer na vida sexual e afetiva, respondendo a um sistema de ideias dominantes.

Marcuse salienta que a sociedade contemporânea é unidimensional, ou seja, uma sociedade na qual a cultura tende a se tornar parte do mundo dos negócios, oferecendo aos indivíduos produtos culturais uniformizadas, que sufocam o protesto contra as irracionalidades sociais pela fartura da oferta, em relações sociais que se justificam pela eficiência técnica. Trata-se de uma sociedade administrada tecnicamente e a repressão sexual não é realizada somente pela família, mas também pela indústria cultural. Há uma abundância da oferta de produtos que, visivelmente, satisfazem os desejos dos indivíduos, mas que acabam por administrá-lo, pois, segundo Marcuse essa nova forma de repressão é chamada por ele como dessublimação repressiva. A forma de obter satisfação é padronizada, isto é, não permite a expres-

são particular do desejo, elemento este essencial à própria natureza desse desejo, segundo a Psicanálise.

A hipótese repressiva Foucaultiana aponta a noção de que a reação típica da sociedade capitalista à sexualidade tem sido negá-la, discutindo que, ao invés de domar o erotismo, essa sociedade se nutriu ocupada produzindo-o de diversos tipos e em grandes quantidades. A hipótese geral sugerida por ele é de que a sociedade não se recusa a conhecer o sexo, muito pelo contrário, aciona todo um aparelho para brotar um discurso “verdadeiro” e regulamentado (Foucault, 1988; Katz, 1996).

A crítica de (Foucault, 1988), ao abeirarem-se os discursos da sexualidade, baseia-se na ideia de que, na nossa sociedade, há o “sexo que fala”, que, quando pego de surpresa e análise sobre padrões de relacionamentos amorosos no livro “Sex and The City” Revista de Psicologia da UNESP 9 (2), 2010. 58 interrogado, responde ininterruptamente; mas, por isso mesmo, é um “sexo controlado”. Segundo o autor, nunca houve uma sociedade em que se discutiu tanto, detalhou-se tanto e normatizou-se tanto o sexo como a nossa. Ao invés de ser entendida como uma relação de poder, a confissão foi naturalizada como se a verdade possuísse espontaneamente uma inclinação para revelar-se. O sexo transformado em discurso, não apenas narra, descreve, transmite, mas também produz sexualidade. A sexualidade é colocada como algo que se deve gerir, tornar útil, fazer funcionar. Mais do que alvo de julgamentos, o sexo passa a ser algo que necessita de constante administração e monitoramento.

A repressão às avessas pode culminar numa espécie de erotização do cotidiano e “carnavalização” da vida, levando a relacionamentos que se tornam racionais, frios, técnicos e mecanizados (Chauí, 1984; Rago, 2007). A figura da “nova mulher” moderna é alvo de “conselhos” e “sugestões” para exercer uma sexualidade mais feliz, o que, segundo (Chauí, 1984), mostra a imposição de modelos ideais e inalcançáveis por trás de tantas “recomendações”, e, por isso, revela-se como uma forma de administração racional de um corpo, que é entendido aqui como uma máquina, com funções passíveis de serem potencializadas por meios da “correta” manutenção.

1.1. Conceito de Sexualidade

O termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. O uso desta palavra é estabelecido em

relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimento, sensações e sonhos. Foucault, assim, não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder Foucault.

A partir do século XVII, formou-se uma aparelhagem para a produção de discursos sobre o sexo, a qual, baseada na técnica da confissão, possibilitou a constituição do sexo como objeto de verdade. A confissão difundiu amplamente seus efeitos – entre outros, na pedagogia – e, através de dispositivos que passaram a produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, pôde aparecer algo como a *sexualidade*, enquanto verdade do sexo e de seus prazeres. A sexualidade, portanto, não é um sistema de representações, mas uma economia dos discursos. E no jogo de dizer a verdade sobre o sexo, constitui-se um saber, saber este que nos constitui como sujeitos.

Segundo Foucault, a análise dessa busca da verdade sobre o sexo, da formação de certo tipo de saber sobre o sexo, deve ser feita sob o viés do poder, não um poder que funcione pelo direito, mas pela técnica; não pela lei, mas pela normalização; não pelo castigo, mas pelo controle. O poder é *onipresente* porque se produz a cada instante, em todos os pontos, em toda relação: ele está em toda parte não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares.

Hoje o sexo é um assunto mais freqüente do que alguns anos atrás, mas não menos abrangente e, principalmente não menos complicado. Não é muito fácil falar sobre sexualidade, principalmente porque as significações implantadas no decorrer da história, pela igreja e outros mecanismos ideológicos sobre a mesma, geraram certo estranhamento do sujeito com sua própria sexualidade. É preciso, portanto,

recriar a linguagem da sexualidade, passando a um nível significativo e humano; recuperando os modelos históricos da constituição da sexualidade na tradição ocidental, desde o modelo matriarcal primitivo, passando pela expropriação do prazer na Idade Média até os modelos do sexo consumista e quantitativo da sociedade contemporânea.

No entanto, para a sexualidade de forma mais humana, é necessário discuti-la de modo mais próximo, requerendo uma metodologia de compreensão da história que não se limita a uma compreensão ingênua e imediata. Só assim a sexualidade ganhará uma dimensão estrutural – dialética da produção da vida social, deixando de ser objeto da religião, da psicanálise ou da psicologia clínica, só através da educação entendendo-a como um processo, como diz o autor quando afirma que:

(...) A educação é para nós um fenômeno humano e social, com suas determinações históricas. Educar é produzir o homem, construir sua identidade antropológica, social, cultural, étnica e produtora. A educação é o campo da ação humana e, conseqüentemente, toda a sociedade ou qualquer grupo social é uma agência educadora. Não se reduz educação à escolarização ou à instrução. “Educar é construir redes de significações culturais e comportamentais padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes (Freire, 1996.)

Entre os discursos mais recorrentes encontrados nesta pesquisa, diferentes entendimentos acerca de sexualidade parecem se constituir em oposição: a crescente visibilidade que a sexualidade tem assumido com o auxílio da televisão e, principalmente, da internet, paralela ao tabu e aos impedimentos acerca de quem pode falar desse tema e em quais circunstâncias. Essa contradição se revela preocupante, na medida em que atribuem valores e constitui maneiras de se aproximar ou de se afastar de tópicos específicos.

Como levantado anteriormente por Martins (2007), juízos e valores estéticos estabelecidos por instituições religiosas, políticas e educacionais influenciam e limitam a experiência visual dos sujeitos. Para uma educação preocupada com a cultura visual, negar o acesso a uma determinada imagem e fingir que ela é inexistente não é uma resposta que considero adequada, uma vez que se afasta da problematização crítica dessas visualidades e, portanto, se constitui em um desserviço para os estudantes. Questionar os sentidos produzidos na interação com uma imagem, o que a torna engraçada e o porquê ela desta e não de outra forma só tem a acrescentar nas relações construídas entre alunos e imagens.

Capítulo 2: Educação Sexual

“Quanto mais educadores e educandos se adentram no objeto do seu conhecer, tanto mais são capazes de modificá-lo. Eles sentem e percebem que devem exercer uma prática transformadora.”

Paulo Freire.

A adolescência delimita a transição da infância à idade adulta, cronologicamente abrangendo dos 10 aos 19 anos. Trata-se de um período de profundas modificações, marcado pela transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento. Nessa fase, a perda do papel infantil gera inquietação, ansiedade e insegurança frente à descoberta de um novo mundo. Enquanto parte inerente do ciclo de vida humano, a adolescência constitui-se de características próprias, que a diferenciam das demais faixas etárias. Este é um período confuso, de contradições, de formação da identidade e da autoestima. É quando se deve deixar de ser criança para entrar no mundo adulto, repleto de responsabilidades e cobranças, mundo este tão desejado pela sensação da liberdade a ser adquirida, mas também tão temido. Na adolescência, há a descoberta do corpo e dos órgãos sexuais. Nas meninas aumentam os seios, os quadris, a distribuição dos pêlos e ocorre a menarca.

Esse amadurecimento físico se dá em decorrência dos hormônios sexuais e do crescimento. Na busca do prazer, do conhecimento de si e de autoafirmação, os jovens, não raro, tornam-se rebeldes e com acentuado comprometimento de humor, porquanto vivem em constantes conflitos. Na realidade brasileira, muitas vezes a adolescente, além dos conflitos próprios da faixa etária, vê-se com outras questões conflituosas, como a ocorrência de uma gravidez. A gravidez é um período de grandes transformações para a mulher. Seu corpo se modifica seus níveis de hormônios se alteram para a manutenção do feto. Com tantas novidades, essa fase pode acabar gerando dúvidas e sentimentos de fragilidade, insegurança e ansiedade na futura mamãe. Alguns dos principais temores são alterações na auto-imagem corporal e não ter uma criança saudável.

Outros temores são relacionados ao feto e à função de gerar, nutrir e parir. Tais temores podem desencadear fases de irritabilidade e de instabilidade de humor na grávida. A gravidez é um período de transição biologicamente determinado, caracterizado por mudanças metabólicas complexas e por grandes perspectivas de

mudanças no papel social, na necessidade de novas adaptações, reajustamentos intrapessoais e mudanças de identidade.

O exemplo de toda transformação, pela qual passou a história da humanidade, a educação também sofreu várias mudanças e, neste processo flexível, a escola também tem a sua própria história. Analisando a educação no Brasil, pode-se perceber que de um modo geral, ela está passando por uma incessante procura de si mesma. Diante de seus tropeços, é fácil entender seu pedido de socorro, quando nos tenta mostrar que o hoje não é como ontem, e o amanhã é incerto e que é necessário correr, pois assim, é possível acompanhar a evolução dos tempos.

Sendo a escola a principal instituição responsável pela formação da cidadania, não se justifica o descaso e a ausência de políticas governamentais que parecem “ignorar” o empobrecimento do sistema educacional, uma vez que há várias décadas as escolas públicas encontram-se num estado de falência. Muitos são os motivos, principalmente no decorrer dos últimos anos, quando o sistema político do país se encarregou de contribuir com a precária organização do sistema nos estados da Federação, resultando com isso a falta de manutenção e material didático.

Não se pode ignorar, porque há muito tempo não existem ações voltadas para a formação do professor, não se investe em sua capacitação, o que resulta na baixa qualidade de ensino e, conseqüentemente, no subdesenvolvimento social. Outra é o péssimo salário do professor, pois a falta de um salário digno gera um profissional desmotivado e despreparado, e essa falta de condição de ensino, enfraquece o processo do conhecimento, deixando insatisfeitos pais, alunos e a sociedade como um todo. É crítica a situação dos nossos educadores, principalmente municipais e estaduais que, se já são frutos de conhecimento pobre, que sobrevive há bastante tempo, passam também, junto com os alunos, a serem vítimas desse sistema cansado e defasado.

Ainda com relação ao ensino, outra questão inegável, é a qualidade prática pedagógica desenvolvida pelos professores que, não estando devidamente preparados a desempenhar suas funções de orientador, de mediador na construção do saber, tornam-se na sua maioria mero repassadores de informações, limitados apenas ao que o livro didático apregoa. Se este é o ensino, outro lado pode-se correr o risco de ter alunos receptores, igualmente desmotivados e apáticos em sua aprendizagem.

Assim, ambos, alunos e professores vivem num verdadeiro ciclo vicioso, sem condições físicas e mentais para enfrentar o processo de ensino e de aprendizagem.

Quanto aos alunos vemos que, a grande maioria vem das camadas sociais mais humildes, que procuram na escola um refúgio, um abrigo, um ponto de apoio, um lugar onde eles têm merenda gratuitamente, já que em seu lar, por vezes, lhes faltam o básico. Procuram também professores compreensivos e educados, já que lhes faltam afeto em seu convívio familiar e, para decepção de muitos, a escola nem sempre corresponde a esses anseios. É impressionante como a escola que busca o modernismo, está fugindo à realidade do aluno, tornando-o um ser descrente no amanhã, sem expectativa de melhorar no futuro, sem objetivo de vida, assim, a escola deixa de ser fonte geradora de cultura e de saber.

Segundo Mauro Musekat, neuropediatra da Universidade Federal de São Paulo, é preciso entender o que se passa com a geração "[...] As novas tecnologias provocam uma metamorfose na capacidade neuronal das crianças. O cérebro delas é mais atento, tem mais recursos ao que o de gerações passadas (Skinner, 2012).

No contexto social, podemos considerar a escola, como um dos principais grupos sociais. Depois da família, a escola é o lugar onde existe uma interação maior entre seus envolvidos e como o seu principal objetivo é educar, poderíamos defini-la como fonte geradora de cultura, cuja função é formar o cidadão. Esse formar vai bem mais além do que simplesmente fazer o indivíduo tomar conhecimento de determinado assunto que venha ser abordado. Educar, antes de tudo, é cuidar da definição de valores e formação de atitudes.

Após tomarmos conhecimento do que seja de fato "Educação" e como ela anda em nosso país é que nos perguntamos: e a educação sexual, como é trabalhada? Ora, sendo à educação sexual um processo de instrução e também de definição de valores, conforme as culturas de cada um não deverão esquecer que é também a formação de comportamento e atitudes que muda bastante de geração para geração.

É certo que a educação sexual deve começar em casa, mas a escola tem compromisso com a formação integral do ser humano e a sexualidade é parte importante dessa formação. É na escola que acontece a intervenção pedagógica que beneficiará a reflexão e o debate, permitindo ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e clima de respeito. O trabalho sistematizado de orientação sexual dentro da escola articula-se com a promoção da saúde integral de crianças e ado-

lescentes e de todas as representações sociais que giram em torno da sexualidade, na sociedade. Estas questões não estão fora do espaço escolar, daí a importância da compreensão por parte de todos os atores envolvidos no processo de orientação sexual, já que este tema transversal faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (MEC, 1997).

Sobre a importância da orientação sexual na escola, Barroso e Bruschini ressaltam que:

É importante que um programa de Orientação sexual se apoie no conhecimento do universo de valores, atitudes e informações, subjacentes aos comportamentos dos estudantes e de seus professores, não limitando seus objetivos a questões de reprodução e incluindo a questão do significado mais amplo da sexualidade para o indivíduo e para a sociedade (Barroso; B, 1982, p. 18).

Os PCN (MEC, 1997), afirmam que as manifestações sobre a sexualidade surgem em todas as faixas etárias; ignorar, ocultar ou reprimir, são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais das escolas e tais práticas se fundamentam no conceito de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, cabe à família realizar a educação sexual dos filhos, por meio de informações adequadas, permeadas pelo diálogo; contudo, não é o que se verifica na maioria das famílias; o assunto não é tratado em casa, nem na escola e as crianças e adolescentes tomam conhecimento da sexualidade de forma corrompida e irresponsável. Dessa forma, o trabalho de orientação sexual na escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade. Nesse processo, o profissional de educação deve ser ético e isento de preconceitos.

De acordo com os PCN sobre Orientação Sexual (MEC, 1997, p. 81)

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros abalos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou 'juízo' do mundo adulto em que estão mergulhadas, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de encanto, o que comporá a sua vida psíquica. (MEC, p-81, 1997)

Por mais que os jovens se sintam orientados e/ou preparados para entender sua sexualidade e a dos outros, sabe-se muito bem que tudo não passa ainda de um desejo, um sonho, que aos poucos tenta se realizar. Como é possível eles serem pessoas orientadas se em casa por motivos diversos eles não recebem a educação que se faz necessária? E na escola, como eles estão sendo orientados? Ou Será que estão?

Ao longo do curso, quando ainda estava-se explorando cada módulo, já se percebia através de leitura e pesquisas de campo que a participação da escola no que diz respeito à educação sexual é mínima e que em sua maioria, principalmente nas escolas públicas do interior esse assunto não é abordado, tendo em vista os tabus e preconceitos que existem em torno da sexualidade humana, bem como pela falta de capacitação de profissionais para tratar do referido assunto.

Independente das causas que levam a falta de educação sexual na escola, têm-se a consciência que suas implicações são bem prejudiciais as gerações do presente e do futuro. É essa falta de orientação, acredita-se, a responsável primeira pelo acréscimo assustador das DST's/AIDS, aborto, gravidez indesejada, e tanta violência sexual, que atinge principalmente a mulher, como é o caso de tantas que são estupradas pelos próprios parceiros (esposos) que por ignorância agridem sexualmente suas esposas dentro do seu próprio ambiente familiar, deixando-as traumatizadas na maioria das vezes pelo resto da vida.

Por essas e outras razões é que, apoiada aos Parâmetros Curriculares (PCNs–1998, p. 311 - 312) a escola está tentando tomar a frente da orientação sexual, acreditando ela que assim seja possível que nossos jovens sejam capazes de:

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantindo a dignidade do ser humano; (*Pereira, & Bahia, 2011*).
- Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- Conhecer o seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- Identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade;
- Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- Evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- Consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.

O que entristece é a certeza de que na maioria das escolas, públicas principalmente, tudo isso, ainda é no momento um projeto que possa ser realizado um dia.

Mesmo no final deste século, quando a vinda do novo milênio é marcada pelo super desenvolvimento científico e tecnológico, a escola deve ter consciência de que seu trato é direto com pessoas, deve-se esquecer um pouco os computadores e lembrar mais do "homem", uma vez que, só ele, é capaz de aprender e criar, pois somente a ele foi dado o dom do pensamento.

Muito embora se saiba que o homem possui mente, cérebro e memória, ele não deve ser confundido com uma máquina, já que antes de tudo, ele possui emoções e sentimentos. A educação deve ser voltada para a humanização. É necessário que o homem estude e eduque o próprio homem; não como coisa ou simplesmente objeto de estudo, mais como um ser racional, que pensa e conhece. É necessário aprender para compreender e agir, é necessário questionar as representações únicas da realidade, pois só quando se interpreta a realidade é que se capaz de entendê-la e dar sentido a própria vida. Educar é também respeitar os princípios da moral, e com a ajuda da bioética respeitar e ser respeitado como pessoa.

Tomando por base as pesquisas que fizeram, observou-se que para acompanhar o jovem 2000, a educação do Brasil e do mundo terá de mudar radicalmente nos próximos anos. O professor deve estar preparado para receber na sala de aula alguém que possivelmente saiba mais do que ele, caso contrário irá perder sua vez. A escola deverá ser totalmente reestruturada, reformulada, inclusive seus objetivos e valores, e trabalhar o homem como homem que se não é o produtor absoluto é o maior reprodutor do universo.

Se a educação é baseada não somente na escola, mas em primeiro lugar em casa junto a família, a sexualidade está na essência do homem, que não deve ser deixada para trás, nem tratada isoladamente, haja visto, a mesma, envolver o homem, em sua totalidade, é que a escola deve entrar em parceria com a família, e juntas tentarem fazer esse estudo, quebrando com isso, todos os tabus e os preconceitos até então existentes.

A partir do momento em que a escola e a família começarem a trabalharem juntas, formando suas próprias ideias, cada uma concordando, discordando ou pelo menos respeitando a outra. Quando as questões forem discutidas entre as duas no sentido de conhecimentos e engrandecimentos, onde escolas confiarão nas famílias e as famílias confiarão nas escolas, respeitando os espaços umas das outras. É

possível com certeza que haja maiores e melhores condições de ensino metodológicos e pedagógicos dos assuntos relacionados à sexualidade.

Neste exato momento, nossos jovens pedem educação-sexual urgente nas escolas. No final do século, muitos são os desafios que nossos adolescentes estão enfrentando: a droga, a prostituição, o homossexualismo e todo tipo de sexo livre, são grandes desafios para os jovens 2000 e, como lhes faltam por natureza maturidade, eles devem ter, ao menos, orientações.

2.1. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

“o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo, como seres históricos é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo”.
Paulo Freire

Incluir o tema sexualidade no currículo escolar das escolas do ensino fundamental e médio ganhou força desde a década de 70. Isto ocorreu devido as mudanças de comportamentos, dos jovens dos anos 60, os movimentos dos grupos feministas e também de grupos que pregavam o controle de natalidade, apesar de que, desde a década de 20 já existia discussão a respeito da sexualidade. Nos anos 80, aumenta a procura por trabalhos na área da sexualidade nas escolas, devido à preocupação dos educandos pelo grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com risco de infecção pelo HIV, entre os jovens.

A questão da educação sexual é sempre muito polêmica. Recentemente ela voltou a ser questionada dentro do planejamento familiar e/ou controle da natalidade. Antigamente acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem desses assuntos no meio escolar, mas atualmente, são os pais que reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem ser importante para a preparação na vida dos filhos.

No meio social ver-se a necessidade de autoafirmação, numa sociedade cada vez mais competitiva, em que a moda transmuda a cada estação e a irresistível atração da mídia empurra a mocidade para o consumismo exagerado, colocando pedras de tropeço na personalidade juvenil. Soma-se a estas considerações o fato de que a crianças e jovens, de um modo geral, mas principalmente em nossa realidade mais

próxima, aqui no Nordeste, sentem dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa.

Tal realidade justifica o que diz a Pesquisa do Instituto Data Folha, realizada a mais de 11 (onze) anos atrás em 10 capitais brasileiras divulgadas em junho de 1993, onde constata que 86 das pessoas ouvidas eram favoráveis a inclusão de orientação sexual nos currículos escolares. (PCNs. 1998 - p. 291) Não se pode esquecer também que as manifestações da sexualidade acontecem em todas as faixas etárias; ignorar, ocultar ou reprimir não é um caminho educativo, mas infelizmente, é a realidade habitual dos profissionais da escola. O melhor que se deve fazer é trabalhar a orientação sexual na escola.

A sexualidade humana "é algo fundamental na vida das pessoas, é uma questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela educação social" (PCNs - 1999 - P. 67) e, por isso mesmo é que a escola deve ter muito cuidado ao tratar de orientação sexual. A metodologia a ser usada deve ser a mais clara, simples e objetiva. "As crianças e os adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas vivências e em suas relações pessoais, além do que recebem pelos meios de comunicação. A Orientação sexual deve considerar esse repertório e possibilitar reflexão e debate, para que os alunos construam suas opções e façam suas escolhas" (PCNs - 1999 - p. 67). Esse estudo geralmente acontece com problemas e questionamentos da realidade nacional, assim, amplia-se o leque de opções para o próprio aluno escolher o seu caminho.

A orientação sexual para os jovens deve ser uma junção entre a família e a escola. Isso quer dizer que, as muitas temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor.

O passado, o presente e o futuro sempre estiveram juntos na vida das pessoas. Alguns dizem que o presente é construído sobre o passado e que o futuro é consequência do presente. E a sexualidade não fica de fora, toda a vida do indivíduo é importante em sua identidade, até mesmo a identidade sexual.

Se analisar o que tem acontecido com a juventude atual, com certeza é surpreendente, é preciso educar os jovens, para que eles desenvolvam uma visão crítica e bastante pessoal, sem preconceitos e de grande liberdade, com respeito e responsabilidade.

Sabe-se muito bem que, independente da geração, gênero, raça, cor, idade e/ou religião, a sexualidade humana envolve pessoas e conseqüentemente, sentimentos que precisam ser percebidos e respeitados. Envolve também crenças e valores, e ocorre em um determinado contexto sociocultural e histórico, que tem papel determinado nos comportamentos dos indivíduos.

Se há mais de três bilhões de anos já existia vida humana na terra e a sexualidade está na essência do homem, porque então a escola ainda está tão distante de um assunto tão importante e tão vinculado ao próprio homem? Sempre que se fala em sexualidade/sexo, fica quase impossível não pensar em seguida em tabu e preconceito. É evidente que, apesar da evolução dos tempos e da modernização, quando o século da ciência; é marcado pelo avanço da tecnologia, onde o homem já é substituído pelas máquinas, falar de sexualidade é desafiar padrões, valores, por ainda se tratar de um assunto muito polêmico.

O novo vocabulário sexual das crianças e adolescentes indica o quanto anda o seu grau de curiosidade e isso vem torturando os pais de todo o Brasil. O fenômeno é que eles sempre se interessaram por sexo e sempre perguntaram o que lhes vinham à mente sobre o tema, incorporaram palavras e expressões de assustar. Há quem veja nisso contornos de um tipo de revolução sexual. Os mais jovens passaram a fazer perguntas (explícitas) sobre sexo (explícito), e os mais velhos são chamados a dar respostas (explícitas) a uma geração pré-adolescente, que já está bem mais informada sobre sexo. As estatísticas mostram que crianças e adolescentes bem orientados sexualmente tendem a estar mais preparados para o início da vida sexual. Se isso quer dizer, adultos mais bem resolvidos sexualmente, ninguém sabe. "O que se sabe é que poderá ser um adulto que vai lidar com mais desenvoltura com sua sexualidade", diz a psicóloga gaúcha Marli Sattler. (Revista Veja - abril/1999 - p. 118)

São comuns outros destinos negativos na condição de vida dos jovens. Notam-se prejuízos pessoais e profissionais, pois, na oposição das conquistas obtidas por mulheres no mercado de trabalho, muitas meninas interrompem os estudos.

De acordo com Silva e Chinaglia (2004), poucos sistemas de ensino têm condições previstas para acomodar as jovens grávidas ou com filhos nas atividades normais da escola.

Pesquisa realizada pelos professores das escolas estaduais de Alagoas através do projeto Vale Sonhar (Instituto Kaplan que é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos e declarada como Serviços de utilidade Pública Estadual e Municipal pelo Estado e cidade de São Paulo), constatou que a evasão escolar em Alagoas atingiu o índice de 17% em 2008 e caiu para 13% em 2009 após oficinas educativas sobre prevenção da gravidez. Essa evasão inclui ambos os sexos.

Segundo Herbert Motta, em Alagoas, a diminuição de adolescentes grávidas vem acontecendo de forma significativa desde o ano 2000, quando foram realizados 15.952 partos de adolescentes com idade entre 10 e 19 anos. Em 2005 o número caiu para 15.287 partos e, quatro anos depois, foram realizados 11.546, representando uma redução de 3.741 partos em quatro anos.

Em entrevista Socorro Marques Luz afirmou que o Ministério da Saúde investiu 3,3 milhões nas ações de educação sexual, além de reforçar a oferta de preservativos e pílulas anticonceptiva, reduzindo o número de partos de adolescentes com idade entre 10 e 19 anos.

Apesar desta redução, esse número continua alto. Acredita-se que a falta de diálogo e informações corretas aliadas a desestruturação familiar e valores éticos e morais desgastados têm tornado o sexo banal, favorecendo a incidência de gravidez precoce. É necessário que os jovens sejam informados sobre as práticas sexuais de risco, identifiquem os meios de prevenções mais acessíveis e eficazes e seja orientados a buscar ascensão profissional antes de uma gravidez, tornando-se mais consciente e responsável, como consequência, o índice de gravidez precoce diminui deixando de ser um grave problema relacionado com a sexualidade dos jovens.

A escola é uma das instituições nas quais se alojam mecanismos do dispositivo da sexualidade; através de metodologias do sexo, os corpos dos estudantes podem ser controlados, administrados. Como afirma Guacira Louro, 1999, a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que praticam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Esses processos avançam e se completam através de tecnologias de auto disciplinamento e autogoverno exercidas pelos sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento con-

tinuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero.

Jorge Larrosa, 1994, analisa como as práticas pedagógicas constroem e intercedem a relação do sujeito consigo mesmo. Nesta relação, se estabelece se regula e se modifica a experiência que a pessoa tem de si mesma, a experiência de si. O conhecimento de si é, segundo este autor, o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que ajustam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. Desse modo, a educação, além de construir e transmitir uma experiência “objetiva” do mundo exterior constrói e transmite também a experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como “sujeitos”. O autor chama, então, de *dispositivo pedagógico* qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Os dispositivos pedagógicos podem, portanto, ser pensados como constitutivos de subjetividade.

A sexualidade das crianças e individualmente dos adolescentes é preocupação escolar desde o século XVIII, quando esta questão torna-se um problema público. Desde então, a instituição pedagógica não impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, concentrou as formas de discurso neste tema, estabeleceu pontos de implantação diferentes, codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Tudo isso permitiu vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso (Foucault, 1997).

No Brasil, a inserção da educação sexual na escola operou-se a partir de um deslocamento no campo discursivo sobre a sexualidade de crianças e adolescentes. Nos anos 20 e 30, os problemas de “desvios sexuais” deixam de ser percebidos como crime para serem concebidos como doenças. A escola passa a ser tida como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo tomar cuidado da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir condutas normais(Vidal, 1998.)

Durante as décadas de 60 e 70, a penetração da educação sexual formal na escola enfrentou fluxos e refluxos, como mostra Fúlvia Rosemberg. Na segunda metade dos anos 60, algumas escolas públicas desenvolveram experiências de educação sexual. Todavia, elas deixam de existir em 1970 após um pronunciamento da

Comissão Nacional de Moral e Civismo dando parecer contrário a um projeto de lei de 1968 que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos escolares. Em 1976, a posição oficial brasileira afirma ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, porém, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde. Durante os anos 80, a polêmica continuou. Todavia, afirma à autora, as modificações aconteceram quase que exclusivamente em nível de discurso.

Atualmente estas expectativas se modificaram. Uma pesquisa feita pelo Data-Folha em 1993 concluiu que 82% dos adultos que têm filhos aprovam a realização de orientação sexual nas escolas. (Paiva, 1996)

Enquanto nos anos 30 a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas, Vidal, 1998, atualmente a intensificação das ansiedades com a orientação sexual na escola está vinculada à proliferação de casos de AIDS/DST e ao aumento de casos de gravidez entre adolescentes. Vinte anos depois do primeiro relato público de caso de AIDS, estima-se que as mortes causadas pela doença já chegam a 22 milhões. Folha de São Paulo, 5 jun. 2001. A incidência de adolescentes entre 10 e 14 anos grávidas no Brasil aumentou 7,1% entre 1980 e 1995 (Petry, 2001). Atribui-se à escola a função de contribuir na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez. (PCNs, 1998)

Como visto, a educação sexual não surge na escola a partir dos PCNs. Todavia, há de se identificar de que maneira este tema é reinscrito na escola dentro do contexto histórico e demandas atuais. A reinserção da orientação sexual na escola parece estar associada, por um lado, a uma dimensão epidêmica – como fora no passado em relação à sífilis – e, por outro, a uma mudança nos padrões de comportamento sexual. Este quadro evoca, portanto, intervenções em escala populacional, bem como individual.

Os PCNs pretendem ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares.

Algumas pesquisas demonstram que esses documentos estão sendo utilizados por professores e professoras nas escolas. FAGED/UFMG, 1966; (Ferraço, 2000). Outra evidência da penetração dos PCNs nas escolas é a grande produção bibliográfica tanto de livros didáticos quanto de livros voltados para orientação de professores e professoras de ensino médio que tratam dos PCNs e mais especifica-

mente dos temas transversais. Vide: (Busquet, Camargo e Ribeiro, 1999); (Suplicy, 1999); (Yus, 1998). Além de livros, cursos sobre este tema têm sido ministrados em diferentes espaços.

Diante desse quadro, análises sobre o que dizem os PCNs a respeito do tema orientação sexual é de fundamental importância para a área de educação.

A fim de atingir os objetivos propostos pelos PCNs, o tema transversal da *orientação sexual* deve *impregnar toda a área educativa* do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. O trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Este tema deve ser tratado ao longo de todos os ciclos de escolarização, todavia, “a partir da quinta série, além da transversalização (...), a Orientação Sexual permite também uma sistematização e um espaço específico” (PCNs 1998). Isso indica uma intensificação dos trabalhos de orientação sexual na escola a partir deste período.

Os programas de orientação sexual devem ser organizados em torno de três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS”(PCNs 1998).

2.2. Concepção de Sexualidade Nos PCNs

Nos PCNs, a orientação sexual é entendida como sendo de caráter informativo, o que está vinculado à visão de sexualidade que perpassa o documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”. BRASIL, 1998 sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados. Cito a seguir alguns trechos.

“A partir da puberdade e das transformações hormonais ocorridas no corpo de meninos e meninas, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois”.

“É a partir da puberdade que a potencialidade erótica do corpo se manifesta sob a primazia da região genital, expressando-se na busca do prazer”.

“No trabalho com crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual, assim como as carícias genitais, são manifestações pertinentes à sexualidade de jovens e de adultos, não de crianças. Os jogos sexuais infantis têm caráter exploratório, pré-genital. BRASIL 1988”.

Há, nestes trechos, indicativos normalizadores da sexualidade. Ela é vista sob o ponto de vista biológico, vinculada às funções hormonais. Quanto à experimentação erótica, à curiosidade e ao desejo, estes são considerados comuns, quando a dois. A potencialidade erótica do corpo a partir da puberdade é concebida como centrada na região genital, enquanto que, à infância, só é admitido um caráter exploratório pré-genital. Os conteúdos devem beneficiar a compreensão de que o ato sexual, bem como as carícias genitais, só tem relação quando manifestados entre jovens e adultos. Noutros momentos, afirma-se uma certa dimensão histórica da sexualidade, como quando é explicado que uma disciplina como a História pode incluir “conteúdos a respeito de como a sexualidade é vivida em diferentes culturas, em diferentes tempos, em diferentes lugares”. BRASIL 1998. Todavia, esta dimensão histórica é pensada como sendo levantada em cima de algo naturalmente dado.

Em outras palavras, a sexualidade e o sujeito são pensados como essências sob as quais há um investimento da cultura. “Corpo: matriz da sexualidade” é o título de um dos blocos de conteúdo. Esta questão volta a vir à tona no trecho seguinte. Afirma-se que, apesar de parecer algo tão “natural”, o corpo e os modos de usá-lo e valorizá-lo têm determinações sociais de várias ordens: econômica, política e cultural.

Por outro lado, ainda que das formas mais diferentes, a sexualidade sempre teve papel importante na vida do ser humano (PCNs 1998). Se, por um lado, esta citação insinua uma crítica à naturalidade do corpo através da afirmação de variações culturais, por outro, ao final do trecho, a sexualidade é reinscrita como um invariante histórico, uma entidade natural que perpassaria todas as culturas ainda que se manifeste nestas de formas diferentes.

Ainda que o documento aceite manifestações diversificadas da sexualidade, ele não problematiza a categoria sexualidade sob o ponto de vista de sua constituição histórica, da mesma forma que em relação a outras categorias, como homossexualidade e heterossexualidade. A primeira frase do item intitulado “Prevenção das

doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” afirma que, “de maneira geral, o trabalho de Orientação Sexual visa desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, afirmando-a como algo ligado ao prazer e à vida” (PCNs1988).

Defender a sexualidade como algo ligado ao prazer e à vida não diz muito e não é suficiente para desvinculá-la de tabus e preconceitos. Parece mais fecundo abordar a constituição histórica destes. Além disso, soa contraditório e limitado pretender livrar a sexualidade de preconceitos e tabus apenas vinculando-a ao prazer e à vida, justamente num capítulo que aborda a prevenção de doenças, o que implica pensar a relação da sexualidade também com a dor, o mal-estar e até mesmo a morte.

2.3. EXPLOSÃO DISCURSIVA SOBRE A SEXUALIDADE

Os PCNs tratam sobre como educar o corpo, “matriz de sexualidade”. Esta educação deve ocorrer a partir de um incitamento ao discurso sobre o sexo na escola. Como anteriormente dito, “a orientação sexual deve impregnar toda a área educativa”. Alunas e alunos são instigados a falar através de uma metodologia participativa que envolve o lidar com dinâmicas grupais, a aplicação de técnicas de sensibilização e facilitação dos debates, a utilização de materiais didáticos que problematizem em vez de “fechar” a questão, possibilitando a discussão dos valores (sociais e particulares) associados a cada temática da sexualidade.

Através desta explosão discursiva sobre a sexualidade na escola, constitui-se um saber escolar sobre a sexualidade, saber este que constitui sujeitos. Este saber propicia um aumento do controle e da possibilidade de intervenção sobre as ações dos indivíduos. Foucault mostra que nas sociedades modernas as repressões sobre o sexo não são formas essenciais de poder. Proibições fazem parte de uma economia discursiva mais ampla que visa à constituição de uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, os quais passaram a ser essenciais para o funcionamento de mecanismos de poder.

Cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (Foucault, 1997).

Assim, através da colocação do sexo em discurso na escola, há um complexo aumento do controle exercido sobre os indivíduos, o qual se exerce não através de proibições, punições, mas através de mecanismos positivos de poder que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade. Os PCNs instruem que, ao tratar sobre doenças sexualmente transmissíveis, os professores e professoras não devem “acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte”, mas fornecer informações sobre as doenças tendo como “foco a promoção da saúde e de condutas preventivas”. A mensagem a ser transmitida aos alunos e alunas não deve ser “AIDS mata”, mas “A AIDS pode ser prevenida”.

Os conteúdos tratados na escola devem destacar “a importância da saúde sexual e reprodutiva” e “os cuidados necessários para promovê-la”. A escola deve, integrada com serviços públicos de saúde, conscientizar para a importância de ações não só curativas, mas também preventivas atitudes denominadas como de “autocuidado”. Identifica-se aí a intenção de educar alunos e alunas para o auto disciplinamento de sua sexualidade.

O poder, como mostra Foucault (1995b), é um conjunto de ações sobre ações possíveis. O exercício do poder consiste em “conduzir condutas”, em governar, ou seja, estruturar o campo de ação dos outros. Nos PCNs, há a intenção de estruturar a ação dos alunos e alunas de modo que estes “incorporem a mentalidade preventiva e a pratiquem sempre”.

2.4. Perfil do Educador

Se “ser” educador não é uma tarefa fácil, ser um educador sexual, é bem mais difícil, não só pelo tema ser polêmico, mais também por exigir um conhecimento amplo e intenso por parte do profissional.

O educador sexual deve antes de tudo ter jeito e procurar respeitar sempre o espaço do aluno. Educar sexualmente é saber tratar com igualdade, com crianças, adolescentes, heterossexuais, bissexuais, homossexuais, prostitutas, etc... Para que isso seja possível, é necessário que haja muita confiança entre professor e aluno.

O aluno, por sua vez, deve se sentir seguro para fazer qualquer pergunta, confiando que, de alguma forma, a sua dúvida será tirada. Neste sentido, o professor precisa estar preparado para responder qualquer pergunta que lhe seja feita e responder com muita naturalidade. É necessário que o, educador seja o mais discre-

to possível, qualquer assunto que venha a ser abordado seja tratado com muita responsabilidade e simplicidade, procurando deixar o aluno sempre a vontade. "O bom professor' tem muita coisa do artista (...) Ele se põe' no que ele está falando (...) Ele é capaz de vibrar e de sentir com as palavras." (Professor de escola pública - do livro Representações e reflexões sobre o "Bom Professor". 1994 - p. 35).

Como o assunto precisa de muito cuidado, o educador deve também ser muito cuidadoso ao tratar de algumas questões; falar de gravidez indesejada, por exemplo, envolve uma série de fatos que comprometem. Questionar o homossexualismo é desafiar muitas classes sociais. Comentar as DSTs e AIDS é provocar algumas descobertas.

Por essas e muitas outras razões é que o educador sexual deve se manter centrado apenas nas informações objetivas que venham a ser tratadas, procurar - evitar desvios que possam atingir alguém relacionado ao aluno ou não, sua postura deve ser séria, sábia e de muita responsabilidade, ensinar e orientar não é o bastante, é necessário que se mantenha a naturalidade, a ordem, a espontaneidade e a disciplina.

Apoiadas nestas considerações e nos diversos depoimentos obtidos junto aos nossos entrevistados, conclui-se que a questão da "sexualidade" deve ser estudada, discutida e explorada pelos estudiosos e educadores. Observou-se também que, se é na escola, o maior grupo social, onde se juntam os dois sexos, é lá geralmente que eles começam a descobrir sua sexualidade, não só no aspecto biológico e psicológico, mas principalmente nas formas de desejos, atrações e fantasias.

Como tudo está acontecendo muito rápido nessa virada do milênio, o adolescente está ficando assustado com tantas transformações súbitas em torno de si. E, a terceira idade, como não teve uma educação adequada, não está sabendo conviver com esses jovens rebeldes e descobridores. É necessário que se faça um estudo em torno desses conflitos entre gerações e prepare pessoas tornando-as capazes de equilibrar esses dois lados tão opostos.

Não está sendo fácil consolidar a experiência dos mais velhos, com os impulsos ousados da juventude no tocante a sexualidade, se de um lado temos a maturidade experiente e equilibrada, mas não muito preparada a educar, devido aos preconceitos existentes em torno da sexualidade; do outro lado vem os jovens, imaturos, de uma espontaneidade enorme comum a eles e assustadora ao sistema conservador. São muitos os conflitos entre pais e filhos, educadores e educandos, tudo por-

que ainda não se trata do assunto com o carinho e a atenção que merece, com o objetivo de resolver esse impasse a se chegar a um senso comum.

Não se pode deixar que os jovens vivam sua sexualidade de forma tão agressiva, através de palavras imorais e envolvimento vulgares, com pessoas também irresponsáveis. Não se deve permitir que os educadores permanecessem ignorantes ao ponto de revidar com estupidez as provocações de seus alunos inconsequentes.

E para que isso seja possível, é necessário que se faça um levantamento dos problemas oriundos da sexualidade, buscando soluções imediatas, para evitar que tantos jovens venham cometer as aberrações que até então estão cometendo.

Enfim, a educação sexual na escola é o caminho mais indicado para solução desses problemas, através da orientação, compreensão, conscientização e informação. Só assim nossos jovens serão livres e educados, e, conseqüentemente viverão sua sexualidade de forma responsável e saudável.

2.5. Pais como educadores sexuais

O povo brasileiro, principalmente os nordestinos, são pessoas de nível escolar muito baixo, que vêm de gerações também subdesenvolvidas. A evolução que uma geração passou a outra foi quase insignificativa e, cujos valores, são oriundos de falsas crenças. O mais importante para esse povo não é exatamente saber o "certo" e o errado com suas "causas" e seus "porquês", mas o que é pecado ou não. Com essa filosofia de vida, a visão que eles têm da sexualidade humana é que, sexo é sujo, pecaminoso e safado, simplesmente prazer da carne, cujo prazer só é de direito, na maioria das vezes, dos machos e das fêmeas prostitutas, e quando visto de forma menos grave, como instrumento destinado à perpetuação da espécie.

Se tomar por base a visão sexual que tem uma sociedade formada com essa estrutura, não fica difícil avaliar como os pais dessa sociedade orientam seus filhos. Pensando bem, acredita-se que é ingênuo quando cita-se: "orientam", por que na verdade pessoas que pensam e agem dessa forma são impossibilitadas de agirem como educadores.

Ainda é comum, em pleno século XXI, encontrar pais que se negam a explicar para os filhos como eles foram fecundados, mães que não orientam suas filhas púberes, para sua menarca. Pais ignorantes que, estupidamente, levam seus filhos adolescentes ou não para os baixos-meretrícios, com o objetivo de terem suas pri-

meiras experiências sexuais com prostitutas profissionais, e a qualquer preço provar que são "machos de verdade". Agindo dessa forma, esses pais só tendem a estender o problema do complexo, da frustração e do trauma ao longo do tempo, independentes das gerações.

Nas palavras de Nunes: "As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes" (apud RITA Trevisan, 2012).

Para Kátia Raquel Saugo:

Para os pais ainda é muito difícil falar sobre o assunto sexualidade, dificuldade esta representada pelo evidente constrangimento dos mesmos durante as entrevistas, uma vez que, quando questionados sobre o significado subjetivo da palavra sexualidade, os pais hesitaram em responder.(Saugo, 2012)

Atualmente, existe uma maior consciência e muito mais conhecimento sobre a sexualidade, porém falar deste tema ainda é um desafio, pois ele continua cercado de mitos e preconceitos. Apesar disto, a sexualidade é, sem sombra de dúvidas, um dos campos de maior importância e complexidade da vida e se faz presente em todas as etapas do nosso desenvolvimento como ser humano, manifestando-se, diariamente, em circunstâncias aparentes ou não, sendo necessário, portanto, falar deste assunto como se fala de qualquer outro (Figueiró, 2009).

Analisando essas duas visões, pode-se ver que os jovens adolescentes são educados sexualmente de formas tão indevidas e que, quando eles mesmos tentam ser mais ousados, buscando saciar aquela curiosidade tão natural, uns são reprimidos e outros apelam para os meios de comunicação como revistas e filmes pornôis que terminam sendo informações distorcidas que fogem de fato ao verdadeiro sentido da sexualidade humana.

O que se vê, tanto na pesquisa a realizada, bem como nas leituras que essas pesquisas levaram a fazer, é que falar de sexo e/ou sexualidade, continua sendo muito difícil, independente de quem fala ou de quem ouve, talvez por ainda ser um assunto muito polêmico.

Muitas são as dificuldades enfrentadas pelas famílias quando se trata de orientar seus filhos no tocante à sua sexualidade, e inúmeras são as razões que levam a essas dificuldades. Não é fácil dizer com exatidão as principais causas que impedem a orientação sexual entre as famílias. Ao analisar cada situação, descobre-se

que são de diversas naturezas, os motivos que levam os pais a não orientarem seus filhos. Muitas mães carregam consigo traumas e frustrações de sua infância.

Algumas famílias consideram a menstruação como meio de transformação, onde a jovem deixa de ser menina e passa a ser mulher, e por conta disso sofrem a opressão por parte de seus pais e irmãos, que as vendo como uma ameaça para a sociedade, temiam que elas praticassem o sexo livremente, simplesmente pelo prazer e como prazer, era um direito até então só dos homens e das prostitutas, moças de família, obrigatoriamente teria que ser protegida dos prazeres pecaminosos da carne, que conseqüentemente resultaria em gravidez indesejada.

Tendo esse exemplo de concepção de vida, fica difícil realmente de acreditar em uma possível orientação sexual que pudesse ser dada por pais e mães que tiveram sua adolescência fundamentada em temores, ignorâncias, falsas crenças, tabus e preconceitos

A escola continua sendo depois da família, o maior grupo social, onde a criança, o adolescente e o jovem (principalmente) passa grande parte de seu tempo e é envolvido quase que por inteiro pelo sistema ensino-aprendizagem. A missão da escola continua sendo, informar, orientar e formar cidadãos, e por se ter certeza disso que fica difícil de entender o "porquê" das tantas dificuldades da educação sexual na escola.

A vivência trazida pela pesquisa junto, Escola Estadual Costa Rêgo, mostrou, por ser uma escola de médio porte, a carência que eles possuem e a grande necessidade que eles sentem sobre a existência de uma orientação sexual. Na oportunidade todos informavam que em casa junto a família eles não recebem orientações, que em resumo é o tabu e o preconceito.

Alguns professores não se acham preparados para expor assuntos relacionados à sexualidade com domínio de conteúdo e de classe, outros temem a reação do aluno. Outros, temem a reação da família, da sociedade e até dos próprios colegas de trabalho. Houve professores que não concordam com a educação sexual na escola, segundo eles acham que é uma responsabilidade que cabe à família, e não a escola.

Ainda nesse mesmo quadro de professores, encontraram-se aqueles conservadores, que por sinal são orientadores de "ensino religioso" que ainda vêem a questão da sexualidade humana, como algo relacionado com o proibido, que não deve ser exposta principalmente para os adolescentes imaturos. Já outros professo-

res até concordaram com a ideia, só acharam que é necessário se ter profissionais bem preparados para o desenvolvimento da referida temática, pela responsabilidade e seriedade que a mesma exige.

Todas essas reflexões, como também as informações vistas através dos textos estudados leva a crê que a participação da escola na formação e educação sexual dos jovens/adolescentes é urgente e de suma importância. Todavia, percebe-se também que a dificuldade maior está no educador. É realmente difícil ser um orientador sexual, não somente pelo amplo conhecimento que o assunto requer, mas também pelos tantos outros problemas que esses educadores podem enfrentar, como pressão da sociedade, família e até mesmo o confronto com o próprio aluno.

Para Patrícia Rocha Cassimiro:

Nas escolas a **orientação sexual** é tratada como tema transversal. A orientação sexual entrou nos currículos escolares através dos PCN's (parâmetros curriculares nacionais), por haver uma necessidade de maior orientação aos adolescentes dentro das escolas. Esse tema age em conjunto com várias matérias, cabe ao professor ter orientação e discernimento para ministrá-lo de forma coerente, mostrando aos jovens a importância de conhecer os seus próprios limites. Ela orienta o adolescente a respeito de prevenções de doenças sexualmente transmissíveis, uma possível gravidez indesejável englobando o aborto e o mais importante ela vem para mostrar como é importante respeitar e conhecer seu próprio corpo, sua sexualidade. (CASSIMIRO, R. Patrícia, INFO ESCOLA, 2015)

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, seguindo-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar, ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

A inclusão dos temas transversais exige, portanto, uma tomada de posição diante de problemas fundamentais e urgentes da vida social, o que requer uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de seus conteúdos: Valores, procedimentos e concepções a eles relacionados.

Nesta atual concepção de currículo, os professores, independentes da disciplina devem mostrarem-se preparados a abordar qualquer assunto que venha, surgir e com muita sutileza procurar tirar do aluno as dúvidas, mesmo que sejam nas aulas de química, física, história, geografia, etc...

PARTE 2: CONTRIBUIÇÃO EMPÍRICA

Capítulo 3: Metodologia

A questão da educação sexual é sempre muito polêmica. Recentemente ela voltou a ser questionada dentro do planejamento familiar e/ou controle da natalidade. Antigamente acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem desses assuntos no meio escolar, mas atualmente, são os pais que reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem ser importante para a preparação na vida dos filhos.

O Professor de educação sexual deve antes de tudo ter jeito e procurar respeitar sempre o espaço do aluno. Orientar sexualmente é saber tratar com igualdade, com crianças, adolescentes, heterossexuais, bissexuais, homossexuais, prostitutas, etc. Através desta explosão discursiva sobre a sexualidade na escola, constitui-se um saber escolar sobre a sexualidade, saber este que constitui sujeitos. Este saber propicia um aumento do controle e da possibilidade de intervenção sobre as ações dos indivíduos. Assim, são objetivos deste estudo analisar a importância da metodologia das oficinas formativas na Educação Sexual na Escola; Determinar a eficácia das oficinas nos conhecimentos sobre sexualidade nos adolescentes; Construir conhecimento sobre sexualidade, desmitificando conceitos.

Diante do exposto, a metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho, iniciou-se com um levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos, revistas acadêmicas, sítios da internet e nos documentos oficiais, cujo objetivo foi relatar uma pesquisa e suas análises, bem como elaborar questões para realização de questionário e levantar depoimentos para mostrar a realidade e enfatizar a pesquisa. Este trabalho de pesquisa também se constitui num ato reflexivo do autor e num convite ao diálogo com o leitor. A segunda parte do trabalho consistiu na escolha do local para desenvolvimento pesquisa. Foi escolhida como objeto de estudo a Escola Estadual de Educação Básica Costa Rêgo, situada na Rua Governador Luiz Cavalcante, s/nº, no Bairro Alto do Cruzeiro, na cidade de Arapiraca, Estado de Alagoas.

Na referida escola, foram aplicados questionários aos alunos e colhidos depoimentos dos profissionais de trabalho dessa instituição, como professores, coordenadores e diretor, bem como também foram arrecadados depoimentos e opiniões de alunos e de seus responsáveis.

Esses depoimentos não buscaram expor de maneira vulgar, ou de forma e/ou aspecto negativo nenhum dos participantes, que por livre expressão resolveram colaborar com a pesquisa, cujo intuito é contribuir com uma educação sexual de qualidade para as escolas públicas estaduais.

- Foram realizadas visitas periódicas na escola a fim de fazer o levantamento desses depoimentos, assim como também observação das habilidades trabalhadas relacionadas à educação sexual e como a comunidade escolar encara esse tipo de discussão. Para isto foram analisados os pontos de vista dos profissionais da educação, dos discentes e dos pais e responsáveis por esses alunos.

A Proposta de Ensino Aprendizagem

Inicialmente o Projeto Vale Sonhar realizou cursos para os profissionais da educação, coordenadores pedagógicos e técnicos das unidades de apoio pedagógicos das CRE, foram preparados para atuar como multiplicadores e repassar aos professores os conteúdos abordados para que estes trabalhassem com os temas e realizassem as oficinas em sala de aula, para contribuírem com a diminuição da vulnerabilidade em relação às DST/AIDS e gravidez não planejada na adolescência.

Na formação foram trabalhados conceitos de sexo e sexualidade e o papel do coordenador pedagógico como multiplicador e agente na prevenção da gravidez na adolescência, assim como também foi trabalhada a sexualidade na adolescência e a discussão sobre as oficinas que seriam trabalhadas nas escolas.

A estratégia de educação preventiva é uma possibilidade de desenvolver uma motivação do jovem por meio da percepção do impacto da gravidez na realização do seu projeto de vida, essa estratégia foi feita da seguinte forma:

- Sonhar, identificar que a adolescência não é o melhor momento para se ter um filho;
- Conhecer o processo de reprodução, associado às práticas sexuais de riscos;
- Desenvolver habilidades para usar os métodos contraceptivos, por meio de oficinas, adotados pelo instituto Kaplan no Projeto Vale Sonhar.

Os processos de interação entre professor e aluno ocorreram durante a realização de três oficinas:

- Oficina 01: Identificação de um sonho.
 - Nessa primeira oficina, os alunos são convidados a fazer uma viagem, idealizando como seria sua vida após passar um determinado tempo, se havia de ser fazer uma faculdade e posteriormente atuar no ramo de sua formação. No segundo momento dessa oficina eles idealizam se ocorresse uma gravidez não desejada, se esse sonho ainda seria possível realizar.
- Oficina 02: Nem toda relação sexual engravida.
 - Nessa segunda oficina, os alunos são orientados pelos professores da escola, sobre os processos de reprodução, associando as práticas sexuais de risco.
- Oficina 03: Engravidar é uma escolha.
 - Nessa última oficina os discentes são orientados a respeito dos métodos contraceptivos e a se planejar em relação ao futuro, a saberem esperar pelo momento certo de adquirir uma responsabilidade que se é de cuidar uma criança.

Durante esses três oficinas foram aplicados questionários sobre pontuação de métodos contraceptivos, o que planejam para o futuro, levantamento sobre a idade e sexo dos alunos participantes. Os dados da coleta desses procedimentos foram coletados e estudados para a análise qualitativa. As oficinas decorreram durante os anos de 2013 e 1014.

3.2.– Caracterização sociodemográfica da amostra

Participaram neste estudo cerca de 314 estudadas das primeiras, segunda e terceira séries do ensino médio da Escola Estadual Costa Rêgo, situada na Rua governador Luiz Cavalcante, s/nº, bairro Alto do Cruzeiro em cidade de Arapiraca estado de Alagoas.

As estatísticas da idade revelam que, dos alunos (gênero masculino e feminino) que participaram da proposta didática, a idade mínima foi 14 anos e a máxima de 19 anos, com uma média de faixa etária 16,5 anos, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos inquiridos por sexo.

Sexo	N	%
Masculino	124	39.5
Feminino	190	60.5
Total	314	100.0

N= NÚMERO

Neste subcapítulo agrupou-se e analisou-se as variáveis que se relacionam com características do trabalho desenvolvido. Na qual se analisou os alunos que participaram da amostra, separando-os por gênero. Assim como também observou-se os alunos que responderam os questionários.

3.3 – Instrumentos

De acordo com as características do estudo utilizamos um instrumento de coleta de dados composto por um questionário, tres oficinas, e coleta de depoimentos. Este conjunto de dados serviram como base para desenvolver e realizar o tratamento estatístico.

Os questionários serviram para abordar o que os aluos planejam para o futuro profissional, assim como também observar qual desses alunos conhecia os metodos contraceptivos e para os mesmos avaliarem o grau de eficiencia desses métodos.

As oficinas serviram de orientação dos alunos, para inicialmente identificarem seus sonhos, o impacto da gravidez não planejada na adolescência e no projeto de vida deles. Mostrar os processos de reprodução humana e idenficarem as praticas sexuais de risco e por ultimo informar sobre métodos contraceptivos.

Ao final das oficinas, os depoimentos foram recolhidos e em seguida foi realizado todo trabalho de conscientização e orientação.

3.3.1- Questionário

Os questionários realizados abordaram sobre a gravidez precoce, se eles aceitariam a gravidez como escolha, e também sobre contra métodos contraceptivos e seu grau de eficiência desses métodos contraceptivos.

Os mesmos questionários tinham escalas de avaliação, questões de múltipla escolha e um espaço para os alunos deixarem algum depoimento caso fosse da vontade dos mesmos .

3.4 – Procedimentos

A elaboração do instrumento de colheita de dados foi a primeira etapa de todo este processo. O documento final está organizado em várias partes distintas, correspondendo a primeira à apresentação do protocolo, onde é referido o objetivo desta recolha e são dadas as orientações básicas de preenchimento do mesmo. Após leitura atenta destas indicações, o respondente é convidado a descrever os seus dados referentes aos alunos participantes, classificação de métodos contraceptivos e em relação a gravidez não planejada.

Os questionários foram divulgados após parecer positivo da Comissão a Akaplan entre a Secretaria do Estado de Alagoas de 2014 e tinham um tempo previsto de 10 minutos para o seu preenchimento. A colheita de dados para o estudo decorreu na Escola Estadual Costa Rêgo em que aceitaram participar. Os participantes no estudo foram informados de que os dados obtidos ficariam em arquivo. Foi assegurado o anonimato e a confidencialidade dos dados, respeitada a autonomia a voluntariedade e a liberdade na participação no estudo.

3.5- Análise de dados

Para o tratamento estatístico procedemos inicialmente à depuração dos questionários no sentido de eliminarmos aqueles que porventura apresentassem lacunas no seu preenchimento.

Em seguida, foi feita a análise dos dados recorrendo à estatística descritiva e analítica. Com a estatística descritiva determinamos as frequências absolutas e percentuais, algumas medidas de tendência central como médias, bem como também resultados informativos, cujos os alunos participantes da escola anteriormente citada, serviram como uma visão para determinada situação na instituição.

Todo o tratamento estatístico será processado através do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22.0 (2014) para Windows.

No capítulo seguinte serão apresentados os resultados obtidos.

A fonte das tabelas será omitida, os dados que se referem ao empírico.

Capítulo 4 – Resultados

Neste capítulo são apresentados resultados do nosso estudo. No decurso do mesmo foi sempre que julgado conveniente efetuada alguma discussão dos resultados. A análise das escalas utilizadas foi feita de acordo com a sua ordem no questionário, que foi realizado em partes a medida que as oficinas seriam realizadas.

O projeto vale sonhar foi realizado com uma estratégia de implantação, com cursos para formar agentes de prevenção, através de reuniões na Coordenadoria Regional de Educação do Estado de Alagoas.

O plano de ação do projeto que foi desenvolvido iniciou-se com uma reunião com a equipe gestora das escolas participantes, em seguida de curso para a formação para agente de prevenção, que no caso seriam os professores de biologia, reunião com os pais dos alunos da escola, tendo como passo seguinte a aplicação de questionários com os alunos.

As análises dos dados obtidos através dos questionários serviram como base para uma avaliação dos conceitos e percepção feitos pelos alunos dos conteúdos relacionados à educação sexual e a gravidez na adolescência não planejada antes e depois da aplicação dos métodos.

Inicialmente foi realizado um levantamento sobre os dados referentes ao Ensino Médio da Escola Estadual Costa Rêgo, sobre alunos matriculados no primeiro ano em 2014 e número de evasão em 2013, como é visto na Tabela 2.

Como observado na Tabela 2, o número total de alunos matriculados na 1ª série do ensino médio, corresponde a 243 alunos, sendo 113 alunos do sexo masculino e 130 alunos do sexo feminino. Como podemos observar as matrículas para alunos do sexo feminino é maior em relação ao número de matrículas para alunos do sexo masculino, os autores Ibiapina Gurgel, Alves, Vieira Pinheiro e Barroso (2008) gênero é a representação social criada sobre o que é um homem e uma mulher (Ibiapina Gurgel, et al, 2008).

Quando analisamos os dados obtidos para o número de alunos evadidos no ano de 2013, verifica-se que temos dois resultados: (a) a evasão geral, com 39 alunos evadidos do sexo masc. e 36 alunos evadidos do sexo femin. totalizando 75 alunos evadidos; (b) a evasão por gravidez, na qual verificou-se que 2 alunos do se-

o feminino evadiram-se. Estes resultados também são tratados/confirmados nos trabalhos de Silveira (2013), que apresenta uma revisão integrativa na qual avaliou uma produção científica sobre gravidez na adolescência e evasão escolar entre 2001 e 2011.

No levantamento realizado por (Silveira 2013) mostra um estudo que entrevistou 4.634 jovens identificou que 29,6% das moças e 21,4% dos rapazes haviam experimentado a gravidez antes dos 20 anos. As jovens com renda familiar per capita de até US\$70, que engravidaram na adolescência ao menos uma vez, referiram mais frequentemente não terem concluído a educação básica.

Tabela 2 – Dados referentes ao ensino médio de alunos matriculados no primeiro ano em 2014 e número de evasão em 2013.

ANO	Nº de alunos matriculados em 2014				Nº de evasão 2013			
	Total		14 – 19 anos		Geral		P/ Gravidez	
	M	F	M	F	M	F	M	F
1ª	113 (45,5%)	130 (53,5%)	104 (47,0%)	117 (53,0)	39 (52,0%)	36 (48,0%)	00	02 (100,0%)
TOTAL	243 (100,0%)		221 (100,0%)		75 (100%)		02 (100,0%)	

M = masculino; F = feminino

Esse levantamento foi importante para servir de base, que durante as realizações das oficinas servirão de comparativos.

Após a realização desse levantamento dos dados da escola foram realizados questionários com os alunos das três séries do ensino médio, das quais obteve-se as informações presentes na Tabela 3:

Tabela 3: Alunos que participaram da aplicação do questionário.

ANO	TOTAL DE ALUNOS	ALUNOS DE 14 – 19 ANOS		Nº DE ALUNOS (14 -19 ANOS) QUE RESPONDERAM SIM PARA A GRAVIDEZ		
		M	F	M	F	TOTAL
1º	146 (46,5%)	62 (50%)	84 (44,2%)	07 (77,8%)	00	07 (77,8%)
2º	102 (32,5%)	38 (30,6%)	64 (33,7%)	00	00	00
3º	66 (21%)	24 (19,4%)	42 (22,1%)	02 (22,2%)	00	02 (22,2%)
TOTAL	314 (100%)	124 (100%)	190 (100%)	09 (100%)	00	09 (100%)

M = Masculino; F = Feminino

O número de alunos que participaram dos questionários foi bastante proveitoso, que serviu de base para acompanhamento durante todas as realizações das ofi-

cinas. É possível observar na tabela 3 que 314 alunos das três séries do ensino médio, da Escola Costa Rêgo, participaram do questionário, onde 124 alunos são do sexo masculino e 190 do sexo feminino, também é possível observar que apenas 9 alunos responderam “sim” para a gravidez e que esses mesmos alunos são do sexo masculino, os alunos que deram resposta positiva para a gravidez, 07 se encontravam na primeira série e os outros 02 restantes estavam cursando a terceira série do ensino médio.

As questões abordadas no questionário abordaram as seguintes perguntas:

- Você já viajou grávida (o)?
- Você realizou seu sonho?
- O que você fez para realizar seu sonho?
- O que facilitou e/ou dificultou a realização do seu sonho?
- Qual o seu sonho de vida profissional?

Na tabela a seguir relevam as marcações dos alunos mais apontadas referente a pergunta “ Qual o seu sonho de vida profissional?”. Todos os alunos que participaram das oficinas responderam os questionários. A amostra foi de 314 estudantes.

Tabela 4: Sonho de vida profissional

QUAL É SEU SONHO DE VIDA PROFISSIONAL?			
Carreira bem sucedida	Ir para faculdade	Bom trabalho	Total
125 (39,8%)	90 (28,7%)	99 (31,5%)	314 (100%)

Essa tabela mostra que todos os alunos almejam um futuro promissor para eles, revela a expectativa de futuro que cada um tem mediante as dificuldades individuais que apresentam.

Com a realização das oficinas foram desenvolvendo as questões de acordo com o proposto pelo orientador.

Tabela 5: Realizando o sonho

O QUE VOCÊ FEZ PARA REALIZAR SEU SONHO?			
Dedicar-se aos estudos	Persistir nos objetivos	Desisti	Total
93 (29,7%)	111 (35,3%)	110(35%)	314 (100%)

Essa tabela revela que a maior parte dos alunos conseguiram realizar seu sonho profissional, e suas conseqüências para realizassem os mesmos, já 35% dos alunos mostraram que não conseguiram realizar seu sonho, devido estarem grávidas ou grávidos como mostrará na tabela 8.

Tendo em vista esses resultados é interessante observar a tabela seguinte que mostra o que facilitou/dificultou para que fosse possível realizar o sonho.

Tabela 6: Facilidades/Dificuldades encontradas

O que facilitou e/ou dificultou a realização do seu sonho?			
Ter estudado/ se esforçado	A gravidez atrapalhou	ter consciencia para ter uma família depois de se estruturar.	total
112(35,7%)	110 (35%)	92 (29,3%)	314 (100%)

A tabela 6 retrata as dificuldades e facilidades que os alunos tiveram durante a realização do sonho deles, e observa-se que parte dos alunos desistiram por conta da gravidez, apesar de 45% dos alunos estarem grávidos como mostra a tabela 7, apenas a diferença de percentual de 10% não desistiram de realizar seu sonho profissional.

Resultados a Primeira Oficina

A primeira oficina intitulada como: O despertar de um sonho, objetivou propiciar a identificação do sonho e o impacto da gravidez não planejada na adolescência no projeto de vida, na qual para ser realizada foi necessário utilizar:

- 1 livro do professor – vale sonhar
- 1 livreto – viagem para o futuro
- 100 fichas de trabalho

- 1 saco com testes de gravidez: (25) positivo, (50) negativo.
- 50 bexigas
- Papel ofício, cartolina e 4 canetas.

Inicialmente, foram distribuídas fichas para os alunos com dois lados, um desses lados continha uma frase do Senador Teotônio Vilela: “O sonho é próprio de todos nós. Não há nenhuma realidade sem que antes se tenha sonhado com ela”. Após isso foi solicitado aos alunos para fazerem uma reflexão sobre o sonho de vida profissional de cada um, logo em seguida teriam que escrevê-lo na ficha de trabalho.

Os alunos que participaram dos questionários tiveram que responder sobre o seu sonho. A maioria dos alunos ao ver essas perguntas destacaram que queriam ir para uma universidade, trabalhar na área escolhida para se formar.

Os alunos foram orientados a guardar a ficha deles por um momento e teria que sortear um resultado para gravidez, que foi colocado em um saco; após cada aluno puxar a fita com o resultado de gravidez, os alunos que receberam o resultado positivo receberam uma bexiga, encheram e colocaram sob a blusa, para simular a gravidez.

Após isso o educador orientou os alunos a fecharem os olhos para fazerem uma viagem para o futuro, sendo que alguns alunos viajaram grávidas ou grávidos. Os alunos fizeram reflexões sobre o impacto da gravidez na realização do sonho, e para os que não estivesse em gestação refletiriam como foi a viagem. Os resultados para os alunos que viajaram foram dispostos na Tabela 4, onde a amostra foi de 314 alunos.

Tabela 7: Viagem para o futuro.

Você já viajou grávida (o)?	
sim	não
45%	55%

Como mostra a tabela o número de alunos que fizeram uma reflexão sobre como seria a vida deles com uma possível gravidez chega bem próximo ao número de alunos que não fizeram essa reflexão.

Com essa reflexão foi questionado aos alunos se com essa possível gestação não planejada, seria possível realizar os sonhos desses alunos. O resultado é visto na Tabela 5.

Tabela 8: realização do sonho.

Você realizou o seu sonho?	
Sim	não
65%	35%

Como mostra na tabela anterior apesar da maioria informar que eles conseguem alcançar os seu sonhos, eles também destacaram que tiveram bastante dificuldades para realizar os sonhos e muitos disseram que demorariam mais tempo devido a gravidez.

Com essas reflexões os alunos da escola foram beneficiados com uma educação sexual de qualidade, assim como também fazerem um planejamento em relação às suas escolhas para o futuro, principalmente no que se refere a uma gravidez.

Além dessas reflexões os alunos puderam dar seus depoimentos em relação às oficinas realizadas, receberam informações sobre doenças sexualmente transmissíveis e sobre a eficácia de alguns métodos contraceptivos. Essas oficinas foram realizadas com ajuda dos professores de biologia da escola, coordenação e por uma equipe do instituto akaplan.

Resultados da Segunda Oficina

A segunda oficina intitulada como: “Nem toda relação sexual engravida”, objetivou com que o aluno reconhecesse os processos de reprodução humana e saber identificar as práticas sexuais de risco.

Os materiais utilizados na oficina forma:

- 4 quadros dos aparelhos reprodutores (órgãos genitais externos e internos).

- 32 cartões de identificação dos órgãos genitais masculino e feminino (externos e internos).
- 30 cartas com perguntas e respostas: (10) laranja, (10) azul, (10) violeta.
- 10 cartas de risco.
- Canetas

A oficina teve duração de aproximadamente 50 minutos, onde o professor, explicou para os alunos participantes o tema trabalhado (Nem toda relação sexual engravida), Em seguida os alunos se dividiram em quatro grupos com a mesma quantidade de participantes. Foram entregues folhas de papel para cada grupo e canetas esferográficas, em seguida cada grupo escolheu um aluno para ser o redator.

A segunda oficina se deu na divisão de três rodadas, na qual a primeira, os participantes escreveram todos os sinônimos de pênis que conheciam; a segunda todos os sinônimos de vulva; e na terceira, relacionaram todos os tipos de trocas de carinhos e práticas sexuais que os mesmos conheciam. Com o passar de cada rodada o professor pedia para que um representante de cada grupo lesse em voz alta o que foi escrito por eles, contando o número de itens e anotando no quadro branco. No final foi declarado vencedor o grupo que continha o maior número de itens anotados.

Após essas etapas o educador solicitou aos alunos que pegassem a lista dos tipos de trocas de carinho e práticas sexuais e identificassem quais ofereceriam o maior risco de gravidez, nesse momento o professor pode ler e avaliar as práticas informadas pelos os alunos, abrindo uma discussão sobre as práticas abordadas, e dessa forma tirando dúvidas relacionadas ao assunto.

Nessa oficina é interessante destacar que o professor teve o papel de estimular os alunos a fazer comentários relacionados a informações que mais lhe chamaram atenção e também pode contar experiências de casais que vivenciaram uma situação de risco para a gravidez indesejada.

Resultados da Terceira Oficina

A última oficina trabalhada foi: “Engravidar é uma escolha”, na qual objetivou informar sobre os métodos contraceptivos e promover a aprendizagem sobre o uso dos mesmos, focando o uso da camisinha e a pílula do dia seguinte.

Os materiais utilizados nessa oficina foram:

- 1 alvo
- 17 cartões contraceptivos
- 30 cartas com perguntas e respostas: (10) verde, (10) amarelo, (10) vermelho.
- 50 fichas de pontuação
- 10 cartas de risco.
- Canetas

A oficina teve duração de aproximadamente uma hora, no momento da realização o professor dividiu os alunos participantes em 4 grupos, em seguida foram entregues uma ficha de avaliação dos métodos contraceptivos, em seguida o professor questionou aos alunos sobre o que seria os métodos contraceptivos e sobre a utilidades dos mesmos, os alunos deram as definições conhecidas por eles, abrindo uma discussão sobre o tema, sobre os diversos métodos contraceptivos existentes e as diversas formas que os mesmos impedem a gravidez.

Foram divididos os cartões contraceptivos de acordo com a sua categoria de método (barreira, hormonais, DIU, naturais, cirúrgicos e químicos). Em seguida, obedecendo ao número de grupos, foram agrupados a categoria Químicos à Barreira e a categoria DIU à Cirúrgicos, formando 04 conjuntos de métodos para facilitar o andamento do trabalho que os grupos realizaram.

Sendo distribuídos para cada grupo de alunos um conjunto de cartões de métodos: conjunto 01 – barreira e químico; conjunto 2 – hormonal; conjunto 3 – natural; e conjunto 4 – DIU e cirúrgico. Os alunos realizaram uma avaliação desses métodos contraceptivos, de acordo com uma avaliação, onde os mesmos iriam atribuir uma nota entre 0 e 10, para eficácia e para o acesso dos jovens a cada método contraceptivo, segundo a opinião do grupo.

Quando os grupos terminaram de pontuar os métodos que receberam, os alunos colocaram em ordem aquele conjunto, e seguindo o sentido horário, pegar um outro grupo com o anterior, e assim sucessivamente, até que tenham avaliado todas as categorias de métodos contraceptivos.

Foi feito um jogo de tiro ao alvo, com as fichas, para que o grupo tenha chance de responder as perguntas e ganhar pontos, os alunos teriam que acertar o alvo, nas cores vermelha, verde ou amarela. O professor escolheu o grupo que iniciou e seguiu no sentido horário, a cada rodada o grupo escolhia um atirador diferente para acertar o alvo. A cada vez que o alvo fosse acertado o professor lia uma pergunta correspondente a cor da área atingida. A pergunta era lida em voz alta e o grupo tinha um minuto para responder. A cada vez que o grupo acertasse a pergunta, ganharia uma pontuação. E venceria o grupo que chegasse a uma maior pontuação.

Essa oficina permitiu para os alunos escolherem os métodos contraceptivos que julgaram mais indicado para os adolescentes utilizarem numa relação sexual, e destacaram a importância do uso do preservativo e da pílula anticoncepcional. Outro ponto que vale destacar sobre essa oficina é relacionado ao estímulo que os alunos tiveram a falar, como se sentiam e sobre o que havia mudado em relação ao que sabiam antes, e sobre os riscos de doenças sexualmente transmissíveis.

Capítulo 5: Discussão

Neste capítulo fazemos a discussão da nossa investigação, começando por arguir a parte metodológica e seguindo com a discussão dos resultados obtidos, contrapondo com investigações nacionais e internacionais que lhes sejam similares ou opostos e procurando dar resposta às inquietações que estiveram na génese deste estudo.

Discussão metodológica

Os procedimentos metodológicos que foram utilizados na investigação revelaram estar de acordo com os objetivos inicialmente traçados e com as características da amostra selecionada.

O questionário usado como instrumento de colheita de dados, foi preenchido por alunos do ensino médio da Escola Estadual Costa Rêgo, logo após oficinas realizadas pelos professores de biologia da mesma escola.

Discussão dos resultados

Apresentamos de seguida os resultados obtidos com a nossa investigação. Para melhor compreensão, analisamos estes resultados de acordo com os objetivos inicialmente traçados para este trabalho.

Esse trabalho mostrou que o número de alunos com gravidez na escola teve redução nos anos em que foram realizados esse projeto, para tanto tendo um efeito gratificante e positivo.

Alguns autores defendem trabalhar sobre educação sexual nas escolas públicas, segundo o manual de educação sexual da secretaria de educação do estado do Paraná:

Pensar em sexualidade na escola implica em, muitas vezes, reconsiderar posições, conceitos e *pré*-conceitos. Nesse sentido, a educação escolar representa o caminho para o estabelecimento de uma Educação Sexual que visa, ao mesmo tempo que o respeito à livre orientação sexual em consonância com relações igualitárias de gênero, classe, raça/etnia, a construção de um ambiente pedagógico onde os conhecimentos científicos acerca deste assunto possam ser difundidos com domínio e propriedade.

Isso reflete a importância de trazer esse assunto para o interior da sala de aula, para ser um caminho de esclarecimentos sobre diversas dúvidas em relação à doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e diversas outras questões que muitas vezes os alunos não tem coragem que perguntarem aos pais.

Ao pensar dessa forma, destacamos a importância da abordagem pedagógica mais crítica da Educação Sexual em sala. No que diz respeito à educação, fica evidente, então, que tais transformações por que vem passando a sociedade não podem ser ignoradas no ambiente escolar.

Em contrapartida Joana Maria (Uma de nossas professoras de Biologia) afirma que:

“ A educação sexual informal é realizada no meio familiar e reproduz nos jovens os padrões e valores morais e éticos dominantes na sociedade. Também é exercida pelas informações vinculadas na mídia escrita, falada e televisionada, na internet, etc.”

Já, segundo a mesma autora, “a orientação sexual é oferecida pela escola e geralmente valoriza os aspectos: biológicos e reprodutivos tratando do assunto de forma tradicional limitando-se ao ensino de conceitos sobre a reprodução e sexualidade”.

Diante das opiniões, de acordo com os (PCN, 1997), um bom trabalho de orientação sexual deve estabelecer uma relação de confiança entre o educador e os alunos, o professor deve estar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitindo juízo de valor sobre as colocações dos alunos, deve responder às perguntas de forma direta e esclarecedora do ponto de vista científico. Também deve orientar com o próprio exemplo nas questões da equidade entre gêneros, na dignidade, no respeito aos valores e as opiniões de todos.

Conclusões

Diante do que foi exposto neste trabalho, pode-se concluir que a questão da educação sexual, como outras em todo processo educacional, esse não podia ser diferente; existem um conjunto de dados, uma série de conhecimentos, inúmeros aspectos a serem questionados, tabus e preconceitos a serem vencidos, uma educação a ser buscada e lapidada, uma conscientização muito grande e de muita maturidade, que devem ser reforçadas, amadurecidas e levadas às escolas, sejam públicas e/ou particulares.

Só estudando é que descobrimos que "sexualidade" é muito mais que "procriar". É importante que se saiba o que de fato, seja a sexualidade e como ela nos é gratificante. É bom que entendamos de uma forma ampla e profunda, que apesar do livre arbítrio, tenhamos a consciência de que, como tudo na vida, ela também possui seus limites e que devem ser respeitados.

Nossa juventude (adolescentes) está cada vez mais livre e vivendo sua sexualidade de forma muito espontânea e impulsiva, até mesmo por conta da pouca idade, quando o jovem possui a informação, falta-lhe a estrutura, a base, a experiência, a responsabilidade de assumir as consequências que venham surgir.

Outras vezes, são as informações, que são mal elaboradas e transmitidas, uma vez que muitos orientadores não possuem conhecimento suficiente para abordar o referido assunto.

Do outro lado vem à família, principalmente os adultos e a terceira-idade, que em sua maioria também não foram preparados para viver sexualidade de forma saudável. O objetivo maior sempre foi à reprodução humana, e, quando prazerosa, é vista de uma forma suja e pecaminosa. A visão do sexo-pecado é tão grande, que ele deve ser feito de forma omissa e proibida, mesmo dentro do casamento. Pais e filhos não devem falar sobre sexo, pois o assunto é imoral e entre família deve haver respeito.

Por conta disso é que a geração XXI está vivendo sua sexualidade de forma desequilibrada e que ainda usam as drogas como acelerador desse processo. A sexualidade do jovem 2000 pede ajuda em busca de orientação, como se fosse um grito de socorro de alguém que precisa de um "solo firme", onde haja equilíbrio e um rumo a seguir com objetividade e tranquilidade.

Baseado nesses e muitos outros conflitos, é que, independente, de ser uma questão ética ou moral, a sexualidade deve ser realmente muito bem estudada, conscientizada, avaliada, e, quando concluída, ensinada, desenvolvida e educada da melhor maneira possível.

Diante dessa realidade é que a escola deve realmente tomar a frente da situação e procurar investir nesse campo; informando, educando, tentando dessa forma, fazer com que as pessoas vivam sua sexualidade com mais prazer, menos bloqueios e frustrações, uma vez que a educação esclarece, encaminham, informa, eleva, engrandece e enriquece o indivíduo de conhecimentos.

Foi por descobrir essa problemática, que existe em torno da "sexualidade humana", que nós educadores resolvemos fazer o curso de especialização em Educação Sexual e ao imergirmos nesse mar até então um tanto desconhecido foi que compreendemos a razão dos tantos conflitos que existem nesse campo, como gravidez indesejada, aborto, DSTs/AIDS e muitos outros fatores que estão afetando a espécie humana, principalmente os jovens adolescentes.

Com essa visão concluída, não existiu outra saída a não ser procurar saber o "por que", da falta de educação sexual na escola, principalmente as públicas do interior e, depois do que vimos e ouvimos uma certeza nos ficou a de que a escola deve urgentemente tomar a frente da situação, e, procurar nortear seus alunos em todos os sentidos, para que haja um melhor equilíbrio entre as "gerações" e a "sexualidade humana".

Os dados mostram que as oficinas realizadas e os questionários serviram para conscientização dos alunos e contribuiu para a redução dos índices de evasão escolar por motivos de gravidez, mostrando assim a importância de se tratar de educação sexual no ambiente escolar.

Limitações do estudo

Este trabalho, passou por diversas dificuldades, pois trabalhar sobre educação sexual com adolescente, que muitas vezes vem de uma família que trata esse tema como um tabú ou muitas vezes de pecado, sendo o adolescente reprimido quando fala no assunto ou pergunta para alguém da família.

Inicialmente houve um certo preconceito mascarando uma timidez dos alunos e por sua vez uma curiosidade sobre educação sexual, por expor sobre práticas sexuais, métodos contraceptivos e o como evitar uma gravidez na adolescência indesejada.

Aos poucos os alunos foram sentindo instigados a perguntar e a participar das oficinas, pois não se sentiam reprimidos por falar no assunto em sala de aula e diante de pessoas como colegas e professores. Tornando-se para esses alunos falar sobre educação sexual algo normal como deveria ser tratado em qualquer ambiente.

Com isso os alunos ficaram mais informados sobre os cuidados que devem ser tomados ao iniciar uma relação sexual, como prevenir doenças e evitar uma gravidez.

Referencias Bibliográficas

- Aquino, Júlio Groppa (1997), *Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*; São Paulo – Summus,.
- Baptista, M. I. D. C. A. (2014). *Ciências da educação: promoção da saúde em contexto escolar: modelos de intervenção*.
- Barroso, C.; Bruschini, C. (1982) *Educação sexual: debate aberto*. Petrópolis: Vozes.
- Braga, Eliane Rose Maio. "'Palavrões" Ou Palavras: Um Estudo Com Educadoras/Es Sobre Sinônimos Usados Na Denominação De Temas Relacionados Ao Sexo."
- Brasil, Secretaria de Educação Fundamental (1998): *Parâmetros Curriculares Nacionais*; Brasília – MEC/SEF.
- Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/96 (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação.
- Cassimiro, R. Patrícia (2015). *Orientação sexual*. Info Escola.
- Catonne, Jean Philippe (1994), *A Sexualidade, Ontem e Hoje*; São Paulo; Editora Cortez.
- Educação, Gestão e Sociedade (2013, novembro): *revista da Faculdade Eça de Queirós*, ISSN 2179-9636, Ano 3, número12, acessado em novembro de 2013. www.faceq.edu.br/regs
- Educando, Amae (1999, maio) – Revista: Ano XXXII, nº 283.
- Escola, Nova (dezembro de 1999) – Revista: ano IX, nº 81.
- Figueiró, Mary Neide Damico (2009a). *Educação sexual: em busca de mudanças*. Londrina, PR: Uel. p208.
- Freire, Paulo (1996), *Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à prática Educativa*: São Paulo; Editora Paz e Terra,.
- Giddens, Anthony (1993). *A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Unesp.
- Hernández, Fernando (1998), *Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho*; Trad. Jussara Hanbert Rodrigues – Porto Alegre – Aimed Editora.
- Ibiapina Gurgel, M. G., Alves, M. D. S., Vieira, N. F. C., Pinheiro, P. N. C., Barroso, G. T. (2008) Gravidez na Adolescência: Tendência na Produção Científica de Enfermagem. *Revisão*, 12 (4) 799 – 05.
- Isto É (1999, 3 de fevereiro), Revista: nº 1531, , P. 76-82.
- Leite, Cícero Tavares, et al. (2014) "*Prática De Educação Em Saúde Percebida Por Escolas*." *Cogitare Enfermagem* 19.1.

Leôncio, M. Joana Maria: *A Educação/Orientação sexual na escola: Ideias, concepções e inovações/manutenção de valores nas práticas docentes.*

Manfredo, Vanda Aparecida, Maria Aparecida Tedeschi Cano, and Branca Maria de Oliveira Santos (2012). "Reincidência de gravidez em adolescentes: retrato de uma realidade." *Rev APS* 15: 192-98.

Mec Ministério Da Educação (1997). PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual.* Mec, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF,.

Medina, João Paulo Subirá. *A educação física cuida do corpo e--" mente".* Papyrus Editora, 1994.

Menezes, Elen Soraia de (2007). *Da informação à formação para a autonomia [manuscrito] : o olhar do adolescente sobre a prevenção das DST/aids.*

Moraes, Maria Cândida (1998), *O Paradigma Educacional Emergente:* Editora Papyrus, São Paulo.

Moreira, T. M. M., Viana, D. D. S., Queiroz, M. V. O., & Jorge, M. S. B. (2008). *Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez.* *RevEscEnferm USP*, 42(2), 312-20.

Nunes, C. A. (1996). *Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar.* Universidade Estadual de Campinas–Faculdade de Educação.

Nunes, César Aparecido (1987), *Desvendando a Sexualidade:* Editora Papyrus, Campinas-SP.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (2001). *Orientação Sexual.* MEC, 1997.

Pastana, Marcela, Ana Cláudia Bortolozzi Maia, and Ari Fernando Maia (2011): "Análise sobre padrões de relacionamentos amorosos no livro 'Sex and the City'." *Revista de Psicologia da UNESP* 9.2, 55-65.

Pereira, G. R., & Bahia, A. G. M. F. (2011). *Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático.* *Educar em Revista*, 39(1), 51-71.

Rangel, Mary (1994), *Representações e Reflexões sobre o "Bom Professor,* Petrópolis; Vozes.

Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2009). *Sexualidade.* Curitiba – PR.

Silva, Rosimary Oliveira da (2013). *Diálogos sobre sexualidade: um estudo a partir das dúvidas de adolescentes.* Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF

Silveira, R. E., & Santos, A da S. (2013). *Gravidez na Adolescência e Evasão Escolar: Revisão Integrativa da Literatura.* *REAS* 2(1) 89 – 98.

Skinner, B. F. (2012). *A Psicologia pode ser uma ciência da mente?*. REBAC-Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 111-119.

Trevisan, Rita (1998, 16 de dezembro). *A sexualidade humana: uma visão histórico-social*, São Paulo, 2012.

Veja, Revista da Editora Abril: Edição 1577, ano 31 – nº 50, P. 160-168.

Veja Revista da Editora Abril (1999, 21 de Abril): Edição 1594, ano 32 – nº 16.

Taquette, R Stella (2007). *Violência contra a mulher adolescente-jovem I*, organizadora. – Rio de Janeiro :Ed UERJ.

Werneck, Hamilton (1992), *Se você Finge que Ensina, Eu Finjo que Aprendo*: Petrópolis-RJ; Editora Vozes.

Anexos

Anexo A – Oficinas, questionários e levantamentos.

projeto **Vale S*nhar** **ENQUETE – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA ESCOLA**

IDADE:
SEXO: M () F ()
SÉRIE: 1º ANO () 2º ANO() 3º ANO()

1. GRAVIDEZ / MENINOS

Você engravidou alguma menina nos últimos 12 meses?
Sim () Não ()

projeto **Vale S*nhar** **ENQUETE – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA ESCOLA**

IDADE:
SEXO: M () F ()
SÉRIE: 1º ANO () 2º ANO() 3º ANO()

1. GRAVIDEZ / MENINOS

Você engravidou alguma menina nos últimos 12 meses?
Sim () Não ()

projeto **Vale S*nhar** **ENQUETE – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA ESCOLA**

IDADE:
SEXO: M () F ()
SÉRIE: 1º ANO () 2º ANO() 3º ANO()

1. GRAVIDEZ / MENINAS

Você engravidou ou esteve grávida nos últimos 12 meses?
Sim () Não ()

projeto **Vale S*nhar** **ENQUETE – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA ESCOLA**

IDADE:
SEXO: M () F ()
SÉRIE: 1º ANO () 2º ANO() 3º ANO()

1. GRAVIDEZ / MENINAS

Você engravidou ou esteve grávida nos últimos 12 meses?
Sim () Não ()

setembro

Segunda Oficina – Nem Toda Relação Sexual Engravida

REGRAS DO JOGO

Objetivo: Conhecer os processos de reprodução humana e saber identificar as práticas sexuais de risco.

MATERIAL NECESSÁRIO

- 4 Quadros dos Aparelhos Reprodutores (órgãos genitais externos e internos).
- 32 Cartões de Identificação dos órgãos genitais masculino e feminino (externos e internos).
- 30 Cartas com perguntas e respostas: (10) laranja, (10) azul, (10) violeta.
- 10 Cartas de Risco.
- Canetas (não acompanham o jogo).

Tempo de duração: 50 minutos.

AQUECIMENTO

- O educador deve explicar aos participantes que o tema trabalhado será **“Nem Toda Relação Sexual Engravida”**. Em seguida, solicitar aos alunos que se dividam em quatro subgrupos com o mesmo número de participantes.
- Pedir para cada grupo se acomodar num canto da sala.
- Entregar uma folha de papel sulfite e uma caneta para cada grupo. Os participantes deverão escolher um colega para ser o redator.
- Tem início uma competição de três rodadas: na primeira, os participantes devem escrever todos os sinônimos de pênis que conhecem; na segunda, todos os sinônimos de vulva; e na terceira, devem relacionar todos os tipos de trocas de carinhos e práticas sexuais que conhecem.
- A cada rodada, o educador deve pedir para um representante de cada grupo ler em voz alta o que foi escrito por eles, contando o número de itens e anotando-o na lousa.
- Ao final das 3 rodadas, o grupo com maior número de itens será declarado vencedor da competição.
- A seguir, o educador deve solicitar aos alunos que peguem a lista dos tipos de trocas de carinhos e práticas sexuais e identifiquem quais oferecem risco de gravidez.

Outubro

Terceira Oficina – Engravidar é uma Escolha

REGRAS DO JOGO

Objetivo: Informar sobre os métodos contraceptivos e promover a aprendizagem sobre o uso dos mesmos, focando o uso da camisinha e a pílula do dia seguinte.

MATERIAL NECESSÁRIO

- 1 Alvo.
- 17 Cartões de contraceptivos.
- 30 Cartas com perguntas e respostas: (10) verde, (10) amarelo, (10) vermelho.
- 50 Fichas de pontuação.
- 10 Cartas de risco.
- Canetas (não acompanham o jogo).

Tempo de duração: 1 hora.

AQUECIMENTO

- O educador dividirá o grupo em quatro subgrupos.
- Em seguida, entregará a cada subgrupo uma ficha de avaliação dos métodos contraceptivos e fará a pergunta: **“O que são métodos contraceptivos e para que servem?”**
- Após todos os grupos responderem faz as complementações necessárias certificando-se de que os participantes entenderam que existem métodos diversificados e que impedem a gravidez de formas diferentes.
- O educador deverá dividir os 17 cartões de contraceptivos de acordo com a sua categoria de método (barreira, hormonais, DIU, naturais, cirúrgicos e químicos). Em seguida, obedecendo ao número de subgrupos de alunos, agrupe a categoria Químicos à Barreira e a categoria DIU à Cirúrgicos, formando 04 conjuntos de métodos para facilitar o andamento do trabalho que os grupos terão que realizar.
- O educador deverá entregar para cada subgrupo um conjunto de cartões de métodos: **conjunto 01** – Barreira e Químico; **conjunto 02** – Hormonal; **conjunto 03** – natural; e **conjunto 04** – DIU e Cirúrgico. Pedirá para que eles façam uma avaliação desses métodos contraceptivos, de acordo com a orientação abaixo e em seguida

- Para conhecer o grupo vencedor, o educador deverá somar os pontos que fizeram ao longo do jogo, e diminuir 03 pontos de cada carta risco.

AVALIAÇÃO

- O educador distribuirá novamente os 04 conjuntos de categorias de métodos contraceptivos e pedirá que cada grupo pegue sua Ficha de Avaliação dos métodos contraceptivos que eles trabalharam no início da oficina, e reavaliem a pontuação dada aos métodos com o aprendizado que tiveram.
- Assim que terminarem, perguntará se houve mudança e, se sim, quais foram e por quê.
- O educador pedirá que os participantes escolham o método que julgam mais indicado para os adolescentes utilizarem numa relação sexual, e se for necessário destacar a importância do uso do preservativo e da pílula anticoncepcional.

COMPARTILHAR

- O educador pedirá para os participantes sentarem-se em semicírculo, e estimulará o grupo a falar, perguntando primeiro como se sentiram, o que mudou em relação ao que sabiam antes e que outras contribuições gostariam de dar.

anotar a pontuação na ficha de avaliação dos métodos contraceptivos.

- **Avaliação dos métodos contraceptivos:** dar um valor de 0 – 10 para eficácia e para o acesso dos jovens a cada método contraceptivo, segundo a opinião e experiência do grupo. Zero é a pontuação menor e 10 o valor maior.
- Assim que o grupo pontuar os métodos que recebeu, deverá pôr em ordem aquele conjunto, e seguindo o sentido horário, pegar um outro com o grupo anterior, e assim sucessivamente, até que tenham avaliado todas as categorias de métodos contraceptivos.
- Assim que os grupos terminarem, o educador dirá para guardarem a sua ficha de avaliação que ao final, ela será utilizada novamente.

AÇÃO DO JOGO

- Este é um jogo de tiro ao alvo, e para que o grupo tenha a chance de responder as perguntas e ganhar os pontos, ele precisará primeiro acertar o alvo, nas cores vermelha, amarela ou verde.
- O educador escolherá o grupo que irá começar e seguirá em sentido horário. O grupo, por sua vez, deverá escolher o atirador que terá que acertar o alvo, se colocando a uma certa distância do mesmo. A cada rodada do jogo, o grupo deve escolher uma pessoa diferente para ser o atirador.
- Assim que o atirador arremessar no alvo, o educador deverá ler a pergunta do envelope correspondente à cor da área do alvo atingida.
- A pergunta deve ser lida em voz alta pelo educador para todos os grupos. Em seguida, eles terão 1 minuto para discutir, entre seus integrantes, a resposta correta.
- Terminado o tempo, **o grupo da vez** deve dar a resposta. Caso não saiba ou erre a resposta, o educador deverá passar a vez para o grupo seguinte, no sentido horário, e assim sucessivamente, que deve responder imediatamente.
- O grupo que acertar a resposta ganhará os pontos correspondente aquela cor do alvo (ver abaixo). O grupo que errou ganhará uma carta risco, pois, não ter a informação correta é um fator de vulnerabilidade à gravidez na adolescência.

◆ Verde: 6 pontos / ◆ Amarelo: 4 pontos / ◆ Vermelho: 2 pontos

- O jogador que acertar no centro do alvo terá direito a uma nova jogada. Se o atirador não conseguir atingir nenhuma das áreas do alvo, o grupo perderá a vez.
- O jogador que acertar no centro do alvo terá direito a uma nova jogada. Se o atirador não conseguir atingir nenhuma das áreas do alvo, o grupo perderá a vez.

AVALIAÇÃO

- O educador deve pedir para cada grupo pegar sua lista sobre os tipos de trocas de carinhos e práticas sexuais, ler e reavaliar as práticas sexuais que classificadas como de risco (R) e não-risco (NR).
- Após a leitura de todos os grupos, o educador pede para aqueles que alteraram sua classificação apresentarem o resultado para os participantes e, em seguida, abrir para discussão.

COMPARTILHAR

- O educador deve estimular o grupo a fazer comentários sobre as informações que mais lhes chamaram a atenção. Deve também pedir para eles contarem as experiências de casais que vivenciaram uma situação de risco para gravidez.

colocando ao lado das mesmas a sigla **R**, para risco, e **NR**, para não-risco.

- Depois disso, o educador deve pedir para que, permanecendo nos grupos, guardem o papel em que escreveram essa lista para mais tarde.

AÇÃO DO JOGO

- O educador deve expor os quadros dos aparelhos reprodutivos masculino e feminino internos e externos em um local visível a todos.
- O jogo começa pelo grupo vencedor da competição anterior, seguindo em sentido horário.
- Iniciar o jogo pelas cartas referentes aos aparelhos reprodutores masculino e feminino (interno e externo).
- Na vez de cada grupo, o educador pegará uma carta e fará uma pergunta. As cartas são numeradas na ordem em que devem ser usadas no jogo. A cada jogada, o educador deverá alternar cartas do aparelho genital masculino e feminino. Quando essas cartas terminarem o jogo continua com as cartas de práticas sexuais.
- Cada grupo tem 1 minuto para discutir entre seus integrantes a resposta correta, antes de responder. Os outros grupos serão orientados a também discutir a pergunta, uma vez que será solicitado ao próximo que tente responder imediatamente, caso o grupo da vez não saiba a resposta.
- Ao introduzir no jogo as cartas de práticas sexuais, o educador deverá explicar que as mesmas contêm situações/comportamentos sobre os quais os alunos devem discutir e responder de acordo com a existência ou não risco de gravidez, e por quê.
- Para responder a estas perguntas e explicá-las, os alunos devem se dirigir aos quadros dos aparelhos genitais internos e externos. O educador deve complementar as informações sempre que necessário.
- Pontuação: se o grupo para o qual foi feita a pergunta acertar, ganha 2 pontos; se errar, perde 2 pontos. Se não quiser responder, pode passar a vez para o próximo grupo e não ganha ou perde pontos. Os demais grupos que tentarem acertar, não perdem pontos por erro, mas ganham 2 pontos pelo acerto. Esses pontos devem ser anotados na lousa para o acompanhamento de todos.
- Ao final do jogo, o educador faz a contagem dos pontos de cada grupo e informa o vencedor.

Agosto
Primeira Oficina – O Despertar para o Sonho

REGRAS DO JOGO

Objetivo: Propiciar a identificação do sonho e o impacto da gravidez não planejada na adolescência no projeto de vida.

MATERIAL NECESSÁRIO

- 1 Livro do Professor – Vale Sonhar.
- 1 Livreto – Viagem ao Futuro.
- 100 Fichas de trabalho (anexo 1). *Dêixa para alunos*
- 1 Saco com testes de gravidez: (25) positivo, (50) negativo.
- 50 Bexigas.
- Papel sulfite, papel craft e 4 canetas – pincel atômico (não acompanham o jogo).
caneta controlada

Tempo de duração: 50 minutos.

AQUECIMENTO

O educador deve entregar a ficha de trabalho do lado "A" para cada aluno e pedir a eles que se acomodem em suas cadeiras. Em seguida, deve ler para os alunos a frase em negrito da ficha de trabalho: **"O sonho é próprio de todos nós. Não há nenhuma realidade sem que antes se tenha sonhado com ela."** – Senador Teotônio Vilela. Lembrando que todos têm sonhos na vida, pedir para os alunos fecharem os olhos e pensarem: **"Qual é o meu sonho de vida profissional?"**. Após cerca de 2 minutos de reflexão, os alunos devem identificar o sonho e descrevê-lo na ficha de trabalho.

Aquecimento Específico

- O educador deve pedir para os alunos guardarem a ficha de trabalho enquanto ele prepara o saco com os testes de gravidez, sempre de acordo com o índice de gravidez da sua região. Ex.: No Vale do Ribeira, onde o índice é de cerca de 27%, numa classe de 40 alunos, 10 testes serão positivos (gravidez) e os 30 restantes, negativos.
- Cada aluno deverá retirar uma fita de teste de dentro do saco.
- Os alunos que tirarem **positivo** recebem uma bexiga do educador, que deverá ser

- O educador deverá estimular o restante do grupo a colocar situações de pessoas de seu conhecimento que tenham vivido sentimentos parecidos.
- Fazer um apanhado do que foi dito em sala de aula e apontar as desvantagens da gravidez nesta época da vida.

AVALIAÇÃO

- Distribuir uma folha de papel sulfite para cada participante. Pedir para cada um pensar em um amigo e escrever uma mensagem aconselhando-o a evitar a gravidez na adolescência. Em seguida, recolher as mensagens de cada aluno.

colocada sob a blusa, simulando a gravidez.

- Depois que todos tiverem recebido o resultado de seus testes, o educador irá prepará-los para a viagem no tempo.

AÇÃO DO JOGO

ATIVIDADE 1

- O educador pedirá aos participantes que fechem os olhos novamente e voltem a se acomodar.
- De maneira pausada, o educador deverá ler cada etapa da viagem, fazendo as perguntas, uma a uma, para que os alunos possam imaginar as respostas.

ATIVIDADE 2

- Após o retorno da viagem, o educador deverá dizer: "Vocês acabaram de fazer uma viagem ao futuro. Algumas pessoas embarcaram grávidas ou grávidos. Como foi realizar esta viagem? Qual o impacto da gravidez na realização do sonho? E para os que viajaram sem estar grávidos, como foi a viagem ao futuro?".
- O educador dará cerca de 3 minutos para quem quiser falar sobre sua experiência.
- Depois dos relatos, ele pedirá aos adolescentes que virem a ficha de trabalho que receberam no início da atividade (lado "B") e preencham as questões 2, 3, 4 e 5.
- Terminado este processo, o educador recolherá as mesmas e passará para a próxima atividade.

ATIVIDADE 3

- Dividir a sala em 4 grupos. Dois de meninas e dois de meninos. Entregar o papel craft e a caneta (pincel atômico) para cada grupo, e perguntar:
 - Grupo das meninas:** "Quais as consequências de uma gravidez na adolescência para as meninas?".
 - Grupo dos meninos:** "Quais as consequências de uma gravidez na adolescência para os meninos?".
- Cada grupo deve fazer um painel e apresentar para a classe, e finalizar a atividade.

COMPARTILHAR

- Pedir para os participantes que usaram a "barriga grávida" falarem sobre esta experiência.

3.2. REUNIÃO COM OS PAIS:

- Reunião de pais e mestres
- Dia específico de lançamento do projeto na escola por segmento
- Reunião do Bolsa Família
- Outro. Qual _____

3.3. OFICINAS COM OS ALUNOS:

- No horário de aula de Biologia
- Outro. Qual _____

APOIO:



PLANO de AÇÃO

CRE: 5ª
 NOME DO MULTIPLICADOR:
 MUNICÍPIO:
 ESCOLA:

1. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES:

ATIVIDADE	Abr	Mai	Jun	Ago	Set	Out	Nov	Dez
REUNIÃO COM A EQUIPE GESTORA DAS ESCOLAS (DIRETOR/COORDENADOR)	março	fev	maio					
CURSO PARA AGENTES DE PREVENÇÃO (PROF.BIOLOGIA)			X					
REUNIÃO COM OS PAIS				X				
APLICAÇÃO DA ENQUETE COM OS ALUNOS			X					
1ª OFICINA COM OS ALUNOS					X			
2ª OFICINA COM OS ALUNOS						X		
3ª OFICINA COM OS ALUNOS							X	
1º MONITORAMENTO (INSTRUMENTOS ENTREGUES - CAPACITAÇÃO DE AGENTES DE PREVENÇÃO E ENQUETE)								
2º MONITORAMENTO (INSTRUMENTOS ENTREGUES - REALIZAÇÃO DAS OFICINAS)								
3º MONITORAMENTO (DIRETRIZ PARA A SUSTENTABILIDADE DO VALE SONHAR - 2012 TODOS OS INSTRUMENTO ENTREGUES - PROFESSORES CAPACITADOS PARA REALIZAR O TRABALHO)								

2. PREVISÃO DE ENVOLVIDOS:

Nº de professores a serem formados:

Ensino Médio

01

Nº de alunos beneficiados com as oficinas:

1ª série -

244

3. ESTRATÉGIA DA IMPLANTAÇÃO:

3.1. CURSO PARA FORMAR OS AGENTES DE PREVENÇÃO:

() Aulas aos sábados

() Reunião Pedagógica

(X) Outro. Qual? Reunião na CAG

APOIO:



ENQUETE – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA ESCOLA

CRE:5ª

Nome do Multiplicador: *Anderson Marcelo*

Município: *Arapiraca*

Escola: *Costa Régio*

Ano: 2014

ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA ENQUETE

ANO	TOTAL ALUNOS	ALUNOS DE 14-19 ANOS		Nº DE ALUNOS (14-19 ANOS) QUE RESPONDERAM SIM PARA GRAVIDEZ		
		M	F	M	F	Total
1º	146	62	84	007	00	07
2º	302 302	38	64	00	00	00
3º	66	24	42	02	00	02
Total	288 334	134 124	190	009	00	09

DADOS SOBRE A ESCOLA

CRE: 5ª
 Nome do Multiplicador:
 Nome da escola:
 Ano letivo: 2014

Dados referentes ao Ensino Médio

ANO	Nº de ALUNOS MATRICULADOS 2012				Nº EVASÃO 2013			
	Total		14 - 19 anos		Geral		P/ Grvidez	
	M	F	M	F	M	F	M	F
1ª	118	130	104	117	39	36		02
TOTAL								

Observações:

- fazer cronograma
- Ver material na caixa e/ oficina - repar
- 1ª oficina - caixa verde
- 2ª " - " azul
- 3ª " - " laranja

FICHA DE PONTUAÇÃO DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

MÉTODOS CONTRACEPTIVOS	PRIMEIRA ETAPA		SEGUNDA ETAPA	
	EFICÁCIA 0 - 10	FACILIDADE DE ACESSO 0 - 10	EFICÁCIA 0 - 10	FACILIDADE DE ACESSO 0 - 10
Barreira				
Camisinha masculina				
Camisinha feminina				
Diafragma				
Hormonais				
Pílula				
Injetável				
Adesivo				
Anel vaginal				
Implante				
Naturais				
Tabelinha				
Muco cervical				
Temperatura				
Coito interrompido				
Químicos				
Espermicida				
DIU*				
DIU de Cobre				
DIU Hormonal				
Definitivos				
Laqueadura				
Vasectomia				

* Dispositivo Intra-Uterino

2) Você viajou grávida (o)?

Sim () Não ()

3) Você realizou seu sonho?

Sim () Não ()

4) O que você fez para realizar seu sonho?

5) O que facilitou e/ou dificultou a realização de seu sonho?

A

VALE SONHAR

“O sonho é próprio de todos nós. Não há nenhuma realidade sem que antes se tenha sonhado com ela”.

- Senador Teotônio Vilela -

1) Qual é o meu sonho de vida profissional?

- Northmanni Pereira dos Santos 1^o"E" - 126
 Marilia Gabriela Melo Nascimento 1^o"F" - 127
 Mariana Beticia Silva Tenreiro 1^o"F" - 128
 Andressa Araújo Silva 1^o"F" - 129
 Grazielle de Melo Nascimento 1^o"F" - 130
 Regia Maria da Silva Soares 1^o"E" - 131
 Daniela Almeida de Sousa 1^o"F" - 132
 Erillayne Renato Ferraz da Silva 1^o"F" - 133
 Myllena Rêusa Belarmino da Silva 1^o"F" - 134
 Alice Pereira Soares 1^o"F"

80		
81	Micael Wellington Castro dos Santos	1° B
82	Ricardo Smith Silva Bezerra	1° B
83	Rudelson Carlos dos Santos	1° E
84	Walmeson Pereira da Silva	1° F
85	Alvaro Felipe F. da Silva	1° E
86	Michael Alton da Silva	1° E
87	João Victor Oliveira Mourão	1° E
88	Carina Pereira Leonardo	1° E
89	Augusto Akila Tenório da Silva	1° F
90	João Barbosa dos Santos	1° E
91	Adriana Silvestre Campagnolo	1° F
92	Mariana Rodrigues da Silva de Barros	3° C
93	Glória Gabriela Santos de Oliveira	3° C
94	Raquel Manuel da Silva	3° C
95	Cláudio Jordão Silva dos Santos	3° C
96	Tomás Augusto da Silva	3° C
97	João de Barros Santos	3° E
98	Maria Helena da Silva Campos	3° E
99	Danielle Zanoni Mourão de Melo	3° C
100	Silviana Regina dos Santos	2° C
101	Jose Ricardo da Silva Moraes	1° F
102	Emmanuel Carlos da Silva	1° F
103	Felipe Henrique Gomes dos Santos	1° F
104	Fabiano Gomes dos Santos	1° F
105	Marta Regina Gomes Santos	3° C
106	França Eduarda Moura da Silva	3° C
107	Giulene Barbosa de Silva Brito	1° F
108	Viviana Karolayne de Souza Ferreira	1° F
109	Rayane Guillem da Silva	1° F
110	Isabela Karolayne de Almeida Silva	1° E
111	Marilene dos Santos Souza	1° E
112	Ricelly Karla Silva de Araújo	1° E
113	Rafaela Amanda da Silva	1° E
114	Luiz Henrique da Silva	3° C
115	Ruthielle Patrícia F. da Silva	3° C
116	Grillo Roberto Barros de Oliveira	3° C
117	Jalana Gomes de Almeida	3° C
118	Kezia Sheila D. Alves	1° E
119	Fabiana da Silva Vinhaça	3° E
120	Carlos Henrique da Silva Santos	3° E
121	Vitor Pereira Santos	3° E
122	Stephanie Kelly dos Conceitos	1° E
123	Mariana Jordy Brito Pereira	1° E
124	Janiffer Barbosa da Silva	1° E
125	Maria Daniella de Oliveira Silva	1° E

33	Mariana Cascalante Batista	1º "A"
34	Maria Betina Barbosa de Almeida	1º "A"
35	Jose Mateus Silva Barbosa	1º "C"
36	Kaolan Roberto Barros de Oliveira	1º "C"
37	Lucas Douglas	1º "E"
38	Paulo Henrique dos Santos Silva	1º "D"
39	Wallerson Bezerra Senou de H	1º "D"
40	Jose Arnaldo de O. Filho	1º "C"
41	Bruno Silva de Lima	1º "E"
42	Yadubian Oliveira Braga	1º "D"
43	Yllyppe Marcos Silva Barbosa	1º "E"
44	Adrielly Rafaela de Almeida Silva	1º "B"
45	Sandra Angélica Gonçalves da Silva	1º "D"
46	Rene Vilviva de Oliveira Silva	1º "D"
47	Carolina Joanyne Duarte da Silva	1º "A"
48	Jaime Sampaio Barbosa	1º "C"
49	Danielle Borges de Souza	1º "E"
50	Suzane de Freitas Silva	1º "C"
51	Vanessa Barbosa Nunes	1º "C"
52	ZE POLIANA ARAUJO	1º "F"
53	Thayne Santos da Silva	1º "E"
54	fulmine Silva	1º "B"
55	Tamires Gomes da Silva	1º "B"
56	Letícia Santos Araújo	1º "B"
57	Tais Injundo da Silva	1º "B"
58	MARIA RIZZO ALVES	1º "J"
59	Junguina Martins Silva	1º "B"
60	Andressa Nascimento Monteiro	1º "B"
61	José Wilson Gomes dos Santos	1º "A"
62	ZE DA BURRA	1º "Z"
63	Williamton Farias dos Santos	1º "D"
64	Georgine Socio Vieira Junior	1º "D"
65	Bruno Barbosa dos Santos	1º "D"
66	Michael Schenmacher Barbosa da Silva	1º "D"
67	Vinício Gomes da Silva	1º "D"
68	Gabriella Ferreira da Silva	1º "D"
69	Amarela Falcão	1º "B"
70	João Silva Fritos Cascalante	1º "C"
71	Nathalya da Silva Dourado	1º "D"
72	Maira Crayelly Junior Tavares	1º "B"
73	Anderson Carlos J. de Silva	1º "E"
74	Thaize de Amorim Oliveira	1º "H"
75	Smilly Killany Claudino da Silva	1º "A"
76	Michael Pereira da Silva	1º "A"
77	Maria Eduarda dos Santos Silva	1º "A"
78	Tamires de Amorim Silva	1º "A"
79	Jeferson da Silva Moura Cabral	1º "A"

ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA COSTA RÊGO
 FREQUÊNCIA DE ABERTURA DO PROJETO VALE SONHAR
 PALESTRA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA
 DATA: 12/11/2013

PARCERIA: Secretaria Municipal de Saúde – Área Técnica da Promoção da Saúde
 5ª Coordenadoria Regional de Educação

Colaboradores:

Milene de Almeida N. Sottilo (SP) / Jovana Carla de V. Lopes (CCR)
 Jovanna Kalliane dos S. Silva / Andressa - na F. Pedagogia CECM /
 Anderson Eggen de Almeida

Nº	Nome do aluno	TURMA
1	Roba Dora Santos Santos Silva	1º D"
2	Alícia Vitória Estrelante Silva	1º D"
3	Maria Wiliane dos Santos Martins	1º D"
4	Porissa Pereira da Silva	1º D"
5	José Ailton Almeida Castro	1º D"
6	Maryatyn Silva Moura	1º B"
7	Ana Paula Gomes Bonet	1º D
8	Padro Caiqui de J. Farias	1º A
9	Bruno Leonardo de Almeida	1º B"
10	Referson Eduardo de Sousa Santos	1º B"
11	Gedertam Paula da Silva	1º B"
12	Athiany Samella S. Santarejo	1º B"
13	Bruno Guilherme Oliveira Castro	1º B"
14	Victor Hugo de Souza de Amorim	1º B"
15	Therlon Silva Moura	1º B"
16	Rosilvania da Silva Santos	1º A"
17	Guyllyn Souza Almeida	1º B"
18	Notácia da Silva	1º A"
19	Adilson Sousa Silva	1º A
20	Fabiano José da Silva	1º A
21	Felipe José da Silva	1º A
22	Enk Douglas Nunes Vitor	1º A
23	Allyson Raphael B. dos Santos	1º A
24	Dilson José da Silva	1º A
25	Mylena Pereira da Silva	1º A
26	Fabiano Marcelino da Silva	1º A
27	Matheus Messias	1º A
28	Daniel Fernandes Azeredo	1º C"
29	Victória Polyana Azevedo Araújo	1º A"
30	Daisyane Maria Laurinda Almeida	1º D"
31	José Dielton Chaves de Souza	1º B"
32	Anyne Maria Pereira de Silva	1º A"

APCIO



FREQÜÊNCIA NAS OFICINAS - 1ª
SÉRIE: 1ª TURMA: A DATA: 27/01/14

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1	Adriana Almeida Ferrateo	x	x	x	x
2					
3					
4	Emilly Kaillany Claudino da Silva	x	x	x	x
5					
6	Edson José do S. N. A.	x	x	x	x
7	Relepe José da Silva	x	x	x	x
8					
9					
10	Edilson Sampaio Silva	x	x	x	x
11					
12					
13					
14	José Wilton G. Sampaio	x	x	x	x
15	Diosmar José da Silva	x	x	x	x
16	Maria Eduarda dos Santos Silva	x	x	x	x
17	Maria Estelita Barbosa de Almeida	x	x	x	x
18					
19					
20					
21	Natalia da Silva	x	x	x	x
22	Pedro Louque de la Encina	x	x	x	x
23					
24	Resivânia da Silva Santos	x	x	x	x
25					
26	Família de Amorim Silva	x	x	x	x
27	Família Marcelino da Silva	x	x	x	x
28	Família de Amorim Silva	x	x	x	x
29					
30	Arictória Polyana Aguiar Araujo	x	x	x	x
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					

47 Bárbara Karlyssa Duarte da Silva x x x



46 - Allysson Raphael B. dos Santos nº 46 ou

FREQÜÊNCIA NAS OFICINAS -
 SÉRIE: 1ª TURMA: B DATA: 27/01/14

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1	Maíra Anelly Nunes Gomes	x	x	x	✓
2	Athiany Plânella S. Pantaleão	x	x	x	✓
3	Bruna Suellana R. Cavalcanti	x	x	x	✓
4	Thaís S. Martins	x	x	x	✓
5	Adrielly Rafaela de A. Silva	x	x	x	✓
6	Valéria Andréia Pinheiro Silva	x	x	x	✓
7	Ybinátem Silva Moura	x	x	x	✓
8	Thaís Soares Monteiro n:33	x	x	x	✓
9	Thaís Aguiar do Silva n:24	x	x	x	✓
10	Jamires Gomes da Silva n:25	x	x	x	✓
11	Yvânia Martins Silva n:28	x	x	x	✓
12	Letícia Santos Araújo n:20	x	x	x	✓
13	Andressa Nascimento Monteiro n:06	x	x	x	✓
14	Gederson Paulo da Góia	x	x	x	✓
15	Thaís de Santa Maria Cabral	x	x	x	✓
16	Thaís Eduarda de Souza Sobrinho	x	x	x	✓
17	Bruna Leonida de Almeida	x	x	x	✓
18	Amância Galvão	x	x	x	✓
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					

FREQÜÊNCIA NAS OFICINAS - 2º
SÉRIE: 1ª TURMA: C DATA: 27/01/14

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1	Thayssa Nayana da Silva	x	x	x	x
2	Emmanuel Galdivino de Melo	x	x	x	x
3	Jose Arnaldo de Oliveira Filho	x	x	x	x
4	Laucara Douglas da Silva	x	x	x	x
5	Suzane de Freitas Silva	x	x	x	x
6	Thayssa Barbosa Nunes	x	x	x	x
7	André Luis T. da Silva	x	x	x	x
8	Daniel Fompadors Aguiar	x	x	x	x
9	Thayna Santos da Silva	x	x	x	x
10	Regina Benfiam Silva	x	x	x	x
11	Kailan Roberto	x	x	x	x
12	Bryanna Silva de Lima	x	x	x	x
13	Jose Mateus Silva Barbosa	x	x	x	x
14	Mathheus Lessaors	x	x	x	x
15					
16					
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					

FREQUÊNCIA NAS OFICINAS - ^a
 SÉRIE: 1ª TURMA: D DATA: 27/10/14

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1					
2	Alyne Rodrigues da Silva	x	x	x	x
3	Bruna Patrícia dos Santos	x	x	x	x
4	Daisyane Maria Moura de Jesus	x	x	x	x
5					
6					
7					
8	Fernanda Amorim	x	x	x	x
9	Isa Dore Santa Juliana Silva	x	x	x	x
10	Thayla Souza Almeida	x	x	x	x
11					
12	Galvella Seneira da Silva	x	x	x	x
13					
14	José Ailton Almeida Neto	x	x	x	x
15					
16					
17	Isadora Pinna da Silva	x	x	x	x
18	Isadora Pinna da Silva	x	x	x	x
19					
20	Maria Clara dos Santos	x	x	x	x
21					
22	Maria Milene dos Santos Martins	x	x	x	x
23	Michael Schumacher Bonfina da Silva	x	x	x	x
24	Nathalya da Silva Severino	x	x	x	x
25	Paula Menezes dos S. Silva	x	x	x	x
26					
27	Sandra Carolina Gonçalves da Silva	x	x	x	x
28					
29	Wellington Ferreira Sousa de Almeida	x	x	x	x
30	Wellington Ferreira dos Santos	x	x	x	x
31					
32	Isis Vitória Correia da Silva	x	x	x	x
33					
34	Isis Vitória Correia da Silva	x	x	x	x
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					

FREQÜÊNCIA NAS OFICINAS - 2º

SÉRIE: 1ª TURMA: E DATA: 11/02/14

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1	Roxângela Edmundo da Silva N:33	x	✓	x	x
2	Estheria Carolinny de Almeida Silva N:22	x	✓	x	x
3	Regina Maria da Silva Santos N:30	x	✓	x	x
4	Almeida Betezinda dos Santos N:04	x	✓	x	x
5	Prochimy dos Santos Silva N:38	x	✓	x	x
6	Vinicius Oliveira Evangelista N:51	x	✓	x	x
7	Alexsander N:50	x	x	x	x
8	Regilcia dos Santos Silva N:07	x	✓	x	x
9	Ricelly Karla S. de Araújo N:32	x	✓	x	x
10	Ues Fátima Santos N:36	x	x	x	x
11	Jennifer Bárbara da Silva N:17	x	x	x	x
12	Thayza Adriana da Silva N:16	x	✓	x	x
13	Andressa Alves Pereira Silva N:43	x	✓	x	x
14	Marina Spall Brito Pinheiro N:25	x	✓	x	x
15	Maria Daniella da Silva N:24	x	x	x	x
16	Mitchinianni Leiria da Silva N:39	x	✓	✓	x
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					

APOIO:



FREQÜÊNCIA NAS OFICINAS - 3ª
SÉRIE: 1ª TURMA: F DATA: 13/10/2014

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1	Alícia Pereira Chaves - Nº: 01	x	x	x	x
2	Ara Paula da Silva - Nº: 02	x	x	x	x
3	Andressa Araújo Silva Nº: 03	x	x	x	x
4	Augusto Akila Jesus da Silva Nº: 04	x	x	x	x
5	Caroline Maria dos Santos Nº: 05	x	x	x	x
6	Daniela Almeida de Sousa Nº: 06	x	x	x	x
7	Emmanuel Santos Nº: 07	x	x	x	x
8	Enilayne Rêta Ferraz da Silva Nº: 08	x	x	x	x
9					
10					
11					
12	Girlene Barbosa da Silva Brito Nº: 12	x	x	x	x
13					
14	Grazielle de melas nascimento Nº: 14	x	x	x	x
15					
16					
17					
18					
19					
20	Karolyne Rodrigues Pereira de Lima Nº: 20	x	x	x	x
21					
22					
23	Mariana Betina Silva Ferreira Nº: 23	x	x	x	x
24	Mariana Gabriela Melo Nascimento Nº: 24	x	x	x	x
25					
26					
27	Mullera Lívia Balonmino Nº: 27	x	x	x	x
28	Roberto Michael Silveira Nº: 28	x	x	x	x
29					
30	Gabriela Cynthia dos Santos Nº: 30	x	x	x	x
31					
32					
33	Vitória Karolayne de Sousa Ferreira Nº: 33	x	x	x	x
34					
35	Ulemerson Pereira da Silva Nº: 35	x	x	x	x
36					
37					
38					
39					
40					
51	José Ricardo da Silva Moura	x	x	x	x
52	José Graziella dos Santos Brito Nº: 52	x	x	x	x

APOIO:



FREQÜÊNCIA NAS OFICINAS – º
 SÉRIE: 1ª TURMA: DATA: / /

Nº	Nome do aluno	1ª oficina	2ª oficina	3ª oficina	Participação nas 3 oficinas
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					

ENQUETE – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA ESCOLA / 2013

CRE: 5ª

Nome do Multiplicador: Ivana Carla de Oliveira Lopes

Município: Arapiraca / AL

Escola: Escola Estadual de Educação Básica Costa Rêgo

Ano: 2013

ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA ENQUETE

ANO	TOTAL ALUNOS	ALUNOS DE 14-19 ANOS		Nº DE ALUNOS (14-19 ANOS) QUE RESPONDERAM SIM PARA GRAVIDEZ		
		M	F	M	F	Total
1º	112	38	65	06	03	09
2º	11	04	07	0	0	0
3º	21	06	15	0	0	0
Total	144	48	87	06	03	09

OBS.: Houve alunos faltosos em todas as séries.

Ivana
18/11/13



ESCOLA EST. DE ED. BÁSICA COSTA RÊGO
R. Gov. Luiz Cavalcante, S/N – Alto do Cruzeiro – 57312-000 – Arapiraca/AL
E-mail: costarego.see.al@gmail.com
CNPJ 00.781.131/0001-53

Ofício nº 039/2013 EECR

Arapiraca/AL, 05 de novembro de 2013.

Senhora Coordenadora,

A Escola Estadual de Educação Básica Costa Rêgo, através de sua Diretora Geral Sra. Maria Joeli Oliveira Silva vem, por meio deste, solicitar a Vossa Senhoria a parceria na realização do Projeto Vale Sonhar, que tem como objetivo orientar aos alunos da 1ª série do Ensino Médio sobre a prevenção da gravidez na adolescência, com abertura prevista para o dia 12 de novembro do corrente ano.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar a colaboração da equipe da promoção da saúde desta Secretaria para realizar uma palestra e uma peça teatral sobre gravidez na adolescência, no dia 12 de novembro de 2013 nos horários de 9h30 e 15h30.

Certos de sua atenção, agradecemos antecipadamente e aguardamos retorno. Para mais informações entrar em contato com o telefone 9612-6562 (tim) ou 8819-6475 (oi).

É o que temos para o momento, reiterando votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Maria Joeli Oliveira Silva
Diretora

Diretora

INEP: 270.164-71
Escola Estadual Costa Rêgo
Rua Governador Luiz Cavalcante
Alto do Cruzeiro - Arapiraca - Alagoas
Inscrição: 00.781.131/0001-53

Resposta
Auditoria
Mantida - O.K.
Tavde - DL

A Ilm. Sr.ª,

Fátima Ramalho - Coordenadora

Secretaria Municipal de Saúde – Área Técnica da Promoção da Saúde

Nesta.

P/ Enquide Gomes
05.11.2013

CRONOGRAMA DE AÇÕES
PROJETO VALE SONHAR 2013

AÇÃO	PARTICIPANTES	LOCAL	PERÍODO
Capacitação dos Professores	Prof. Anderson Prof. <i>Leidiane</i>	Escola Costa Rêgo	12/11/2013
Apresentação do Projeto Vale Sonhar – Palestra: Gravidez na Adolescência	Palestrante: Rejane (5ª CRE); Alunos dos 1ºs anos; Pais e Mestres.	Escola Costa Rêgo - Auditório	12/11/2013
Aplicação da Enquete	Prof. Anderson e Profª. Leidiane	Escola Costa Rêgo	12/11/2013
1ª Oficina	Prof. Anderson e Profª. Leidiane	Escola Costa Rêgo	13 e 14/11/2013
2ª Oficina	Prof. Anderson e Profª. Leidiane	Escola Costa Rêgo	21 e 22/11/2013
3ª Oficina	Prof. Anderson e Profª. Leidiane	Escola Costa Rêgo	27 e 28/11/2013
Culminância do Projeto	Comunidade Escolar	Escola Costa Rêgo	30/11/2013
Reunião com Professores para Elaboração do Relatório	Prof. Anderson, Profª. Leidiane e Coord. Pedagógica	Escola Costa Rêgo	04/12/2013

OK

OK

OBSERVAÇÕES:

Culminância do Projeto:

A culminância ocorrerá no dia 30/11/2013 no pátio da escola das 9h30 às 10h30 com exposição de cartazes, maquetes e apresentações sobre a prevenção da gravidez na adolescência.

Parceiros:

Secretaria Municipal de Saúde – Área Técnica Promoção da Saúde;
Docentes de Biologia: Anderson e Leidiane;
5ª Coordenadoria Regional de Educação.